

COMO APRESENTAR O TEMPO E O [CO]EXISTIR NA ATUALIDADE?



SUMÁRIO

EXPEDIENTE	4
EQUIPE EDITORIAL	4
ENSAIOS VISUAIS	5
O tempo que ainda não veio	6
Airton Jordani Jardim Filho	
Margens	11
Aline Nunes e Marcelo Forte	
Extinção K-Pg	17
Ana Carolina Nogueira	
Estamos engarrafando tempo?	23
Ana Cláudia Barin	
Banana Cósmica	26
Ana Severo Martins	
Ciência do que preenche e falta: TOQUE	31
Bruna Emanuele Fernandes	

Ruídos da intimidade no (contra) tempo do dentro	38
Caio Vinicius Russo Nogueira e Priscila Faccini	
Três vozes	41
Claudio Moreira	
O Velho Ver e o Novo Olhar!	44
Fernando José Caldeira de Andrada	
Coreografia da leitura	49
Gabriel Coelho	
Eu não sou uma estrutura sólida	55
Leila Pessoa	
Aceitação	60
Ludmila Castanheira	
Maré alta	62
Marilia Scarabello	

Entre o mostrar-se e o esconder-se	65
Mônica Lóss	
sol-pôr	69
Rafael Nunes Menezes	
Você tem fome de quê?	74
Rodrigo Pedro Casteleira	
Micro-danças, coreografia das imagens.....	75
Sarah Ferreira	
[entre]-lugares	81
Shayda Cazaubon Peres	
[DES]ENCONTROS ATEMPORAIS	85
Talione Tomita	
Anotações sobre imagens sob isolamento: pesquisa em roupa e tempo	90
Violeta Sutili	

EXPEDIENTE



A Revista [compor] é uma publicação do grupo de pesquisa [entre] paisagens do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Aceitam-se colaborações de pesquisadores das áreas, artes visuais e educação, tanto de graduandos quanto de pós-graduandos, como de outros interessados. Os textos podem ser em forma de ensaio e/ou artigo (visual e/ou textual) que tenham como objeto de reflexão as artes visuais e suas interlocuções com o campo da filosofia, da literatura e outros.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA

Reitor:
Prof. Dr. Dilmar Baretta

CENTRO DE ARTES

Direção geral:
Prof.ª Dr.ª Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva

Chefe de Departamento de Artes Visuais:

Prof.ª Dr.ª Maria Raquel da Silva Stolf

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

Coordenadora:
Prof.ª. Dr.ª. Jocielle Lampert de Oliveira

EQUIPE EDITORIAL



Editora chefe:
Prof.ª Dr.ª Elaine Schmidlin

Editora associado:
Prof.ª Dr.ª Janaina Schwambach

Corpo editorial - Organização:

Andressa Argenta
Carolina Ramos Nunes
Janaina Schwambach
Shayda Cazaubon Peres

Diagramação:
Shayda Cazaubon Peres

Capa:
Título: Contato
Artista: Jan M.O.
Ano: 2020

CONTATO



E-mail:
compor.revista@gmail.com

Instagram:
coletivo.compor

Publicação vinculada ao Coletivo [compor].

Coordenadora do coletivo:
Prof.ª Dr.ª Elaine Schmidlin

Membros do coletivo:

Aionara Preis Gabriel
Ana Carolina Nogueira
Andressa Argenta
Carolina Ramos Nunes
Janaina Schwambach
Jonathan Taveira Braga
Letícia Ferreira Haines
Rafael Nunes Menezes
Shayda Cazaubon Peres
Taliane Graff Tomita

CONTATO GERAL:

Centro de Artes
Av. Madre Benvenuta, número: 1907
Bairro: Itacorubi
Cidade: Florianópolis | SC
Telefone: (48) 3321-8300



EDIÇÃO Vº 1 / 2020

ISSN: 2526-4869

Como apresentar o tempo e o [co]existir na atualidade?

A edição propõe apresentar o tempo e o [co] existir em torno de algumas de nossas clausuras, temporais, políticas, estéticas e existenciais, vividas na contemporaneidade, em tempos de distanciamento social, ocasionada pela pandemia de Covid-19. Os ensaios apresentados nesta edição, comportam experimentações em torno de modos de existir que se configuram para criar outras ficções de vida e/ou outras vidas possíveis. O tempo não é mais o cronológico, mas aquele feito do instante, sem espessura e sem extensão, tecido com e/na intensidade do distanciamento social em uma situação levada ao limite, que nos leva ao impensável. Com isso, pode ser possível de novo repensar aspectos de nossa temporalidade, de nossos modos de viver e existir, pois o limite pode ser uma forma de “ouvir” a loucura que nos encontramos para disparar e conturbar o estranho em nós mesmos. O que partilhamos é a estranheza e a necessidade, testadas e talhadas num processo intempestivo de variações de contextos, de conexões, de associações zigzagueantes que isso tudo implica.

Autoria: Profª Drª Elaine Schmidlin.

O tempo que ainda não veio

Airton Jordani Jardim Filho

O TEMPO QUE AINDA NÃO VEIO



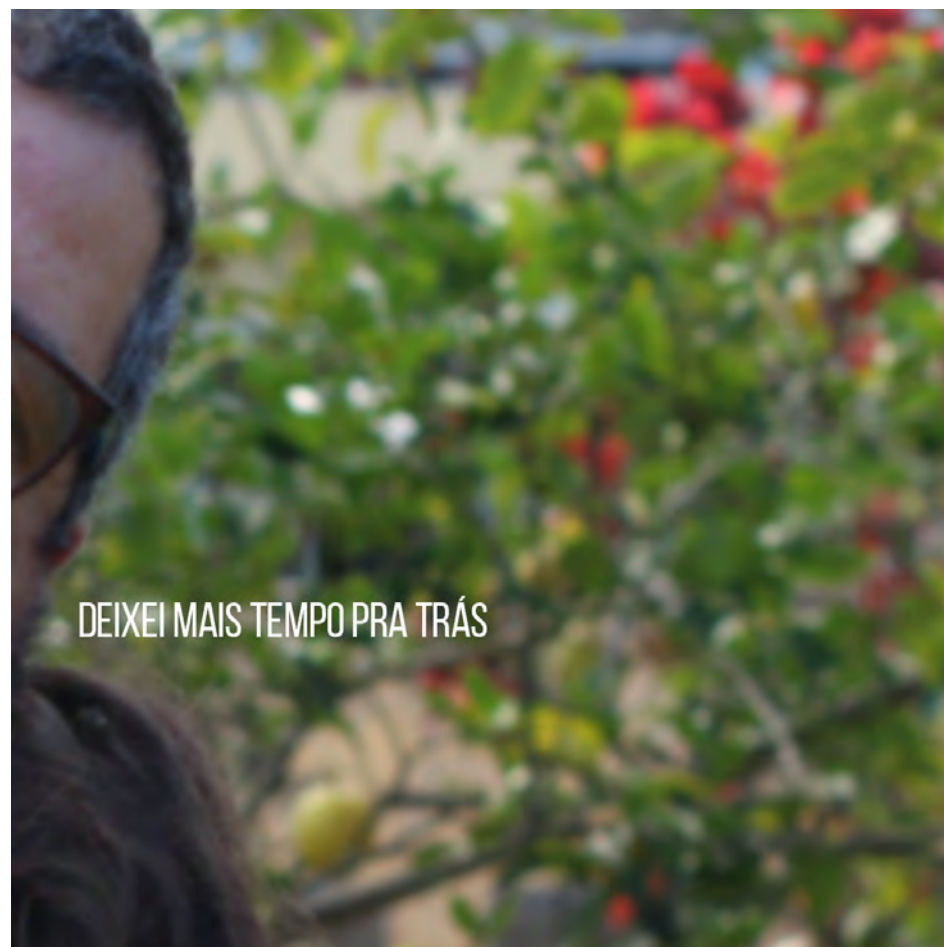




QUE TAMBÉM JÁ FICOU PRA TRÁS



DEIXEI MAIS TEMPO PRA TRÁS





Margens

Aline Nunes
Marcelo Forte

A fotografia enquanto o registro de um recorte temporal. A montagem enquanto a possibilidade de conectar mundos. Fazer atravessar lugares de um olhar solitário para compor uma cena a dois. Tramar, a partir de fragmentos de duas fotografias, possibilidades de multiplicação daquilo que se vê e, portanto, daquilo que se viveu um dia. Encontrar na imagem do outro, resquícios da própria imagem ou ver na diferença a surpresa dos encontros.

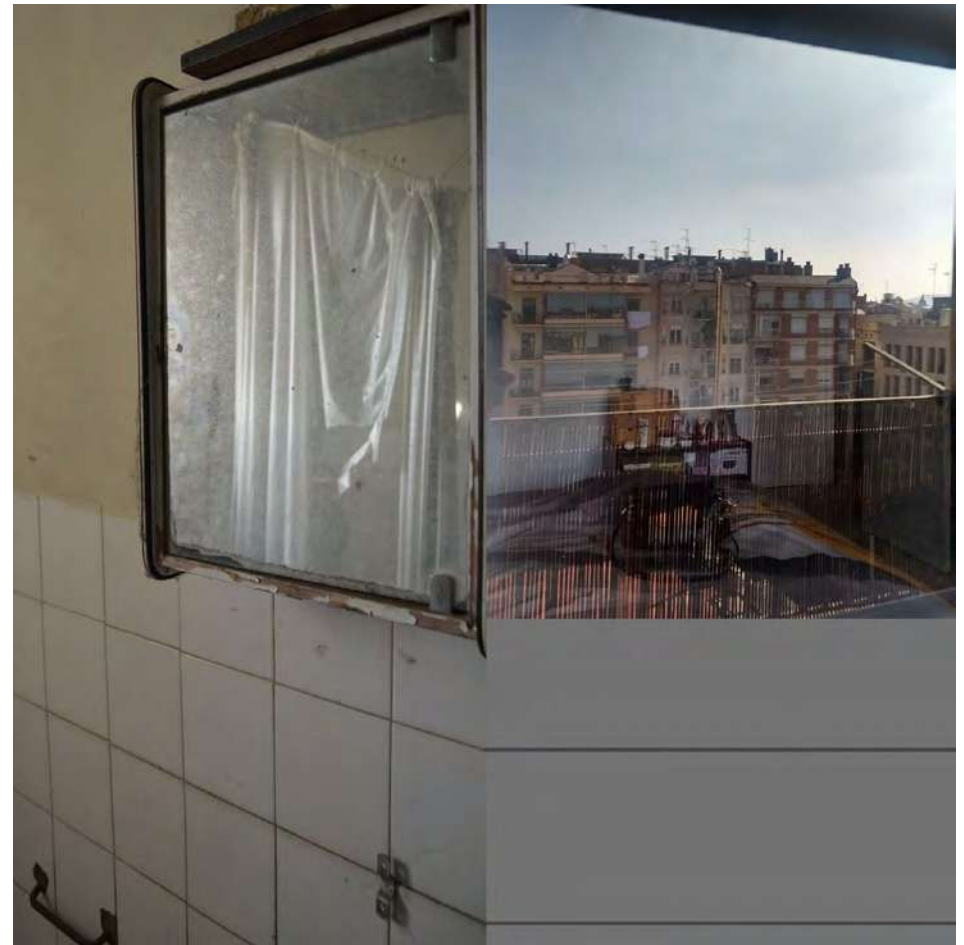
Habitar territórios alheios, estrangeiros e estranhos. Desconfiar daquilo que é novo... espreitar e esperar, até que, de um encontro, surja um pertencimento, uma afinidade. Até que surja uma vontade de ficar.

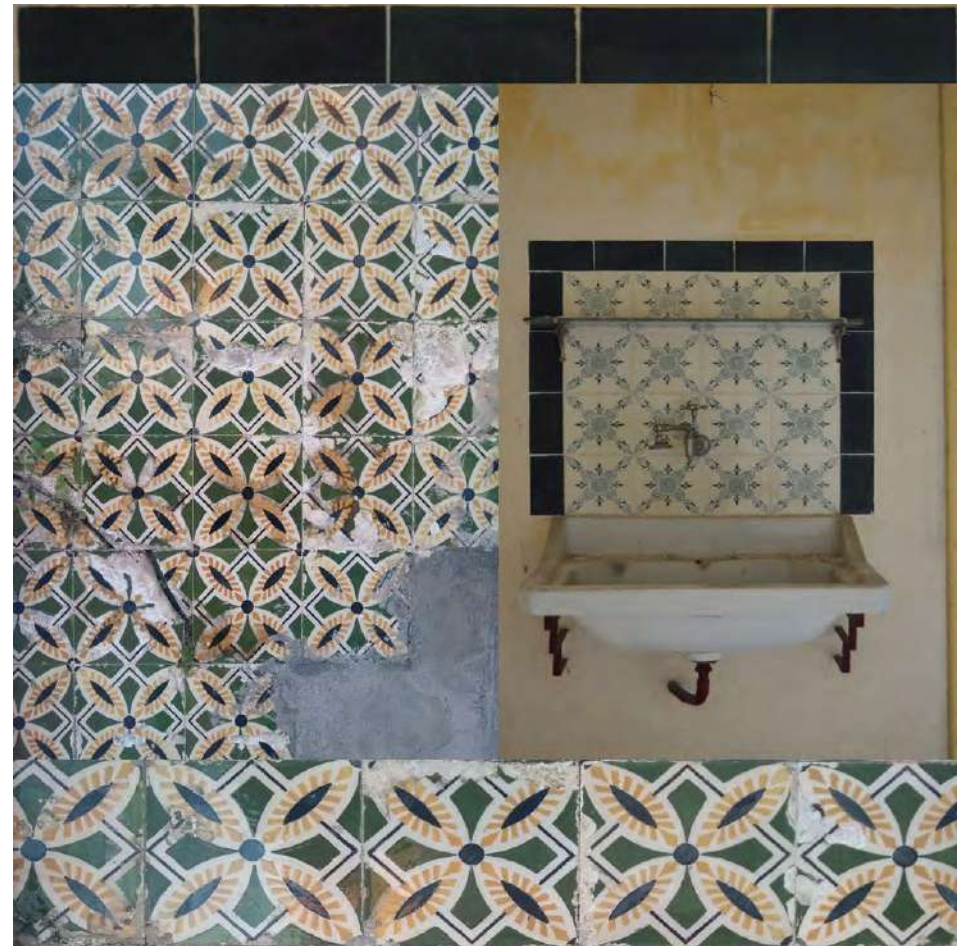
Ao experienciar os momentos de deslocamentos e de desbravamentos, produzimos outros modos de existência, e, assim, ao exercitar as novas composições geradas pelas fotografias, possibilitamos que outros signos sejam emitidos, oportunizando novos processos de vivê-los. Ao serem entrecruzadas, as fotografias potencializam outras sensações, suscitadas pelo visual: sentimos a umidade dos espaços, os cheiros emergindo da rua ou dos móveis antigos, os ruídos ao pisar os velhos ladrilhos...

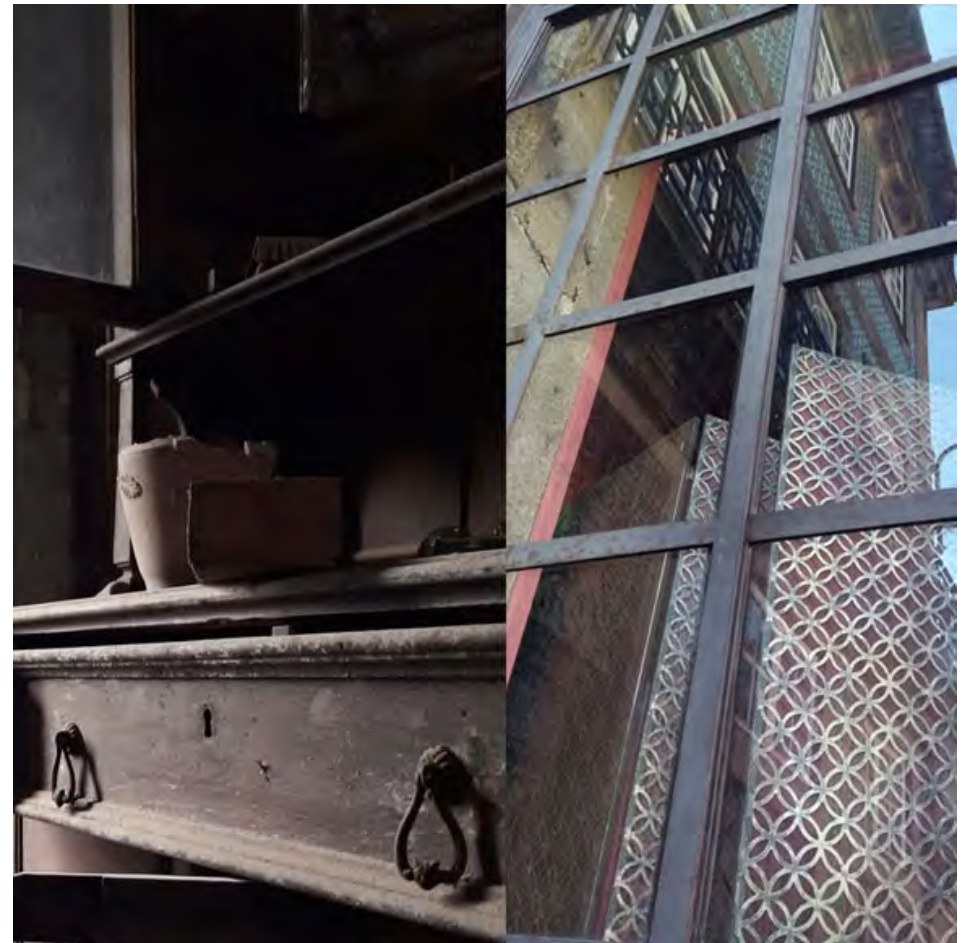
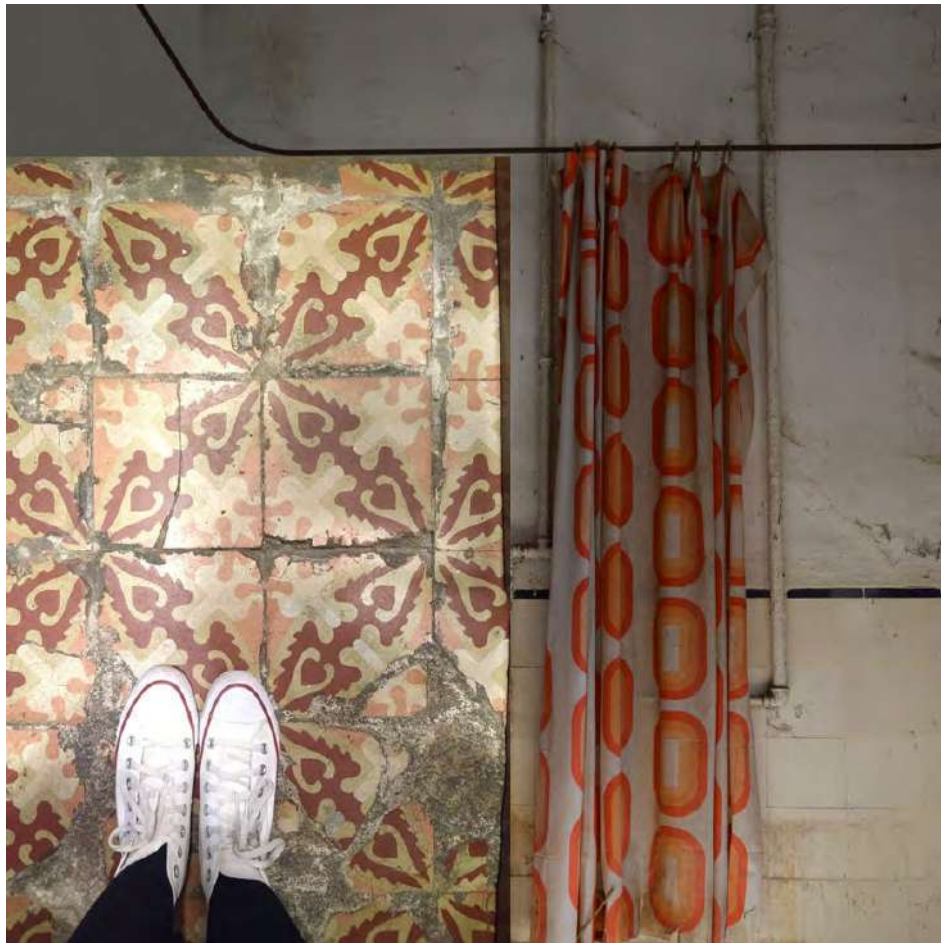
Neste ensaio visual, buscamos pensar o tempo a partir das

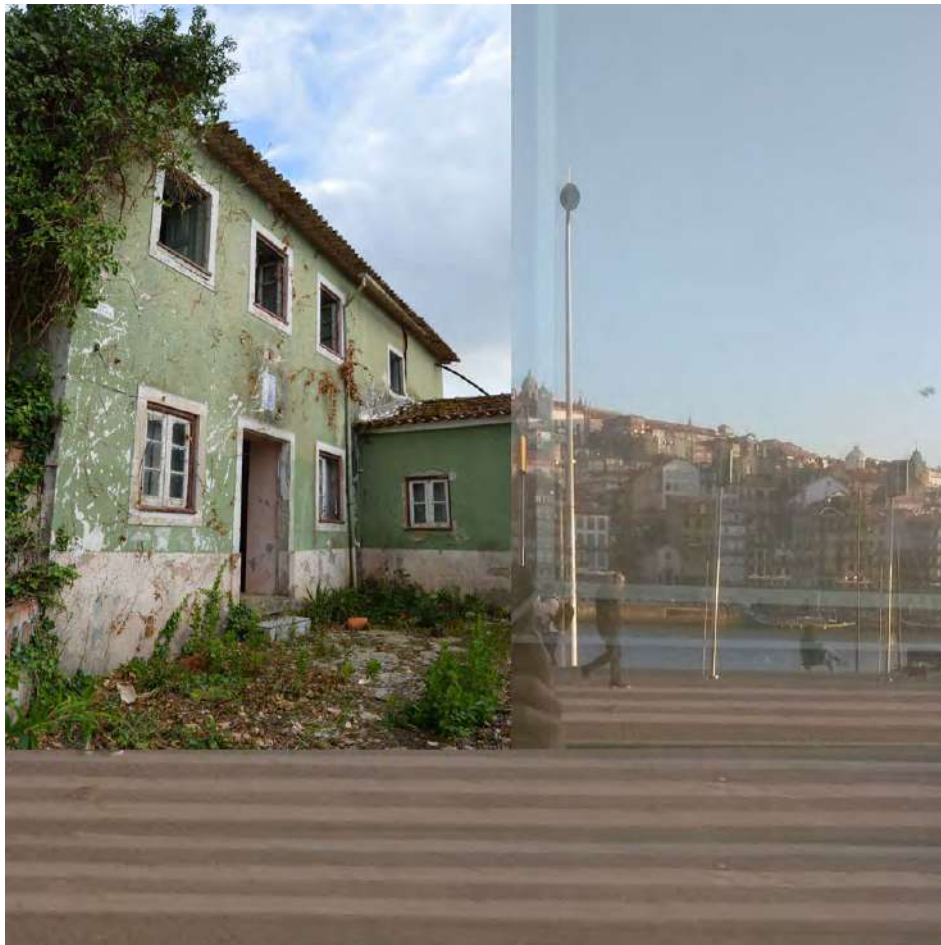
marcas que ele cria e deixa nos espaços. Criamos a partir dos achados de desbravamentos, e também de deslocamentos territoriais, dois temas amplamente estudados por nós, autores deste ensaio, possibilidades de encontros de margens – visuais e territoriais.

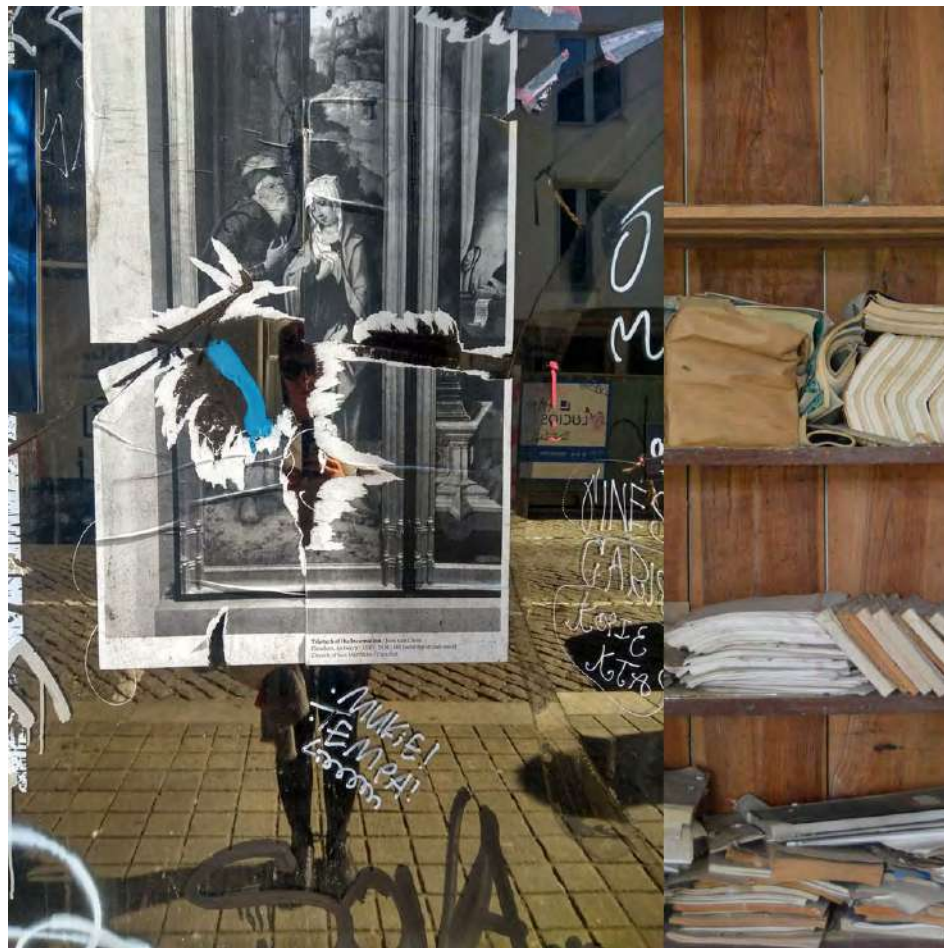
Estabelecemos uma relação entre nossas imagens fotográficas, acreditando que ao justapô-las, nossas visões de mundo também se colocam em diálogo, se colocam em um movimento de partilha. Ao ver as imagens, percebemos neste encontro o surgimento de novas possibilidades de coexistência.











Extinção K-Pg

Ana Carolina Nogueira

O que dispara a vontade de arte em uma criança? Seriam as aulas de artes?

Quais são os melhores caminhos para ensinar? É possível aprender a fazer arte?

Para Deleuze, aprender é “começar, pouco a pouco, a selecionar. Trata-se de saber organizar um encontro. Aprender é sempre organizar um encontro. [...] Quando vocês alcançam esse saber-viver, podem dizer que possuem a sua potência.” (Deleuze, 2008, p.308).

Preparar um encontro, um jantar, saber esperar. Tanto para aprender, como para ensinar, é preciso “*savoir vivre*”.

Ninguém impõe arte, nem o tempo para o encontro com ela. Arte acontece. Mas para que aconteça, é preciso sentir, estar sensível, ter abertura para percepções e afecções.

A criança encontra a arte, não aprende, apreende ou aprisiona. Ela está disposta. Ela precisa da arte.

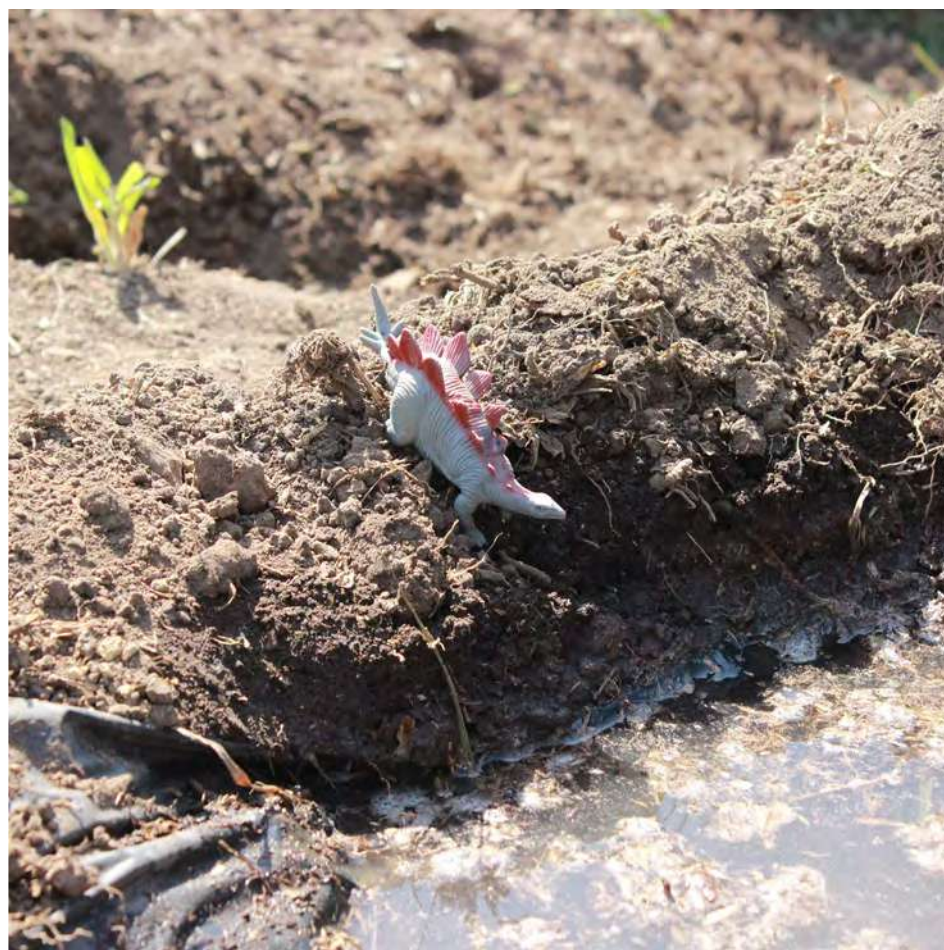
Elas não consomem arte, vivenciam-na, experimentam, mergulham, banham-se com a arte, seja quando produzem, quando desfrutam, ou quando pensam sobre ela.

E nós, educados para “educar em arte”, como nos relacionamos com ela?

Que espaço e que tempo nos damos para tais *afectos* e *perceptos*, seja em nossas casas, fora do nosso trabalho, com nossos filhos, amigos, companheiras e/ou companheiros?

Sobre o ato de professorar, Zourabichivilli (2016) diz que “dá-se um curso sobre aquilo que se busca e não sobre o que se sabe” (Ibid, p.87), o que nos leva a pensar sobre os desejos que nos movem em direção ao Ensino das Artes Visuais.

O que estamos buscando saber?











Referências:

DELEUZE, Gilles. En Medio de Spinoza. Buenos Aires, Cactus, 2008.

ZOURABICHVILI, François. Deleuze: uma filosofia do acontecimento. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2016.

Estamos engarrafando tempo?

Ana Cláudia Barin

O tempo do relógio, o tempo que levamos para sair da cama de manhã, o tempo que usamos para construir planejamentos, o tempo que nossos estudantes gastam para cumprir as tarefas que enviamos. Tudo virou uma questão de tempo. Estamos vivendo conforme os ponteiros do relógio seguem girando, marcando segundos, minutos e horas de incertezas inéditas e alarmantes no que envolvem a educação em meio ao caos.

Colecionar pequenos frascos, onde não sabemos exatamente o que contém dentro deles, e mesmo que soubéssemos, estaríamos (res) guardando nossa sobrevivência como veneno ou remédio? Educar em meio a pandemia requer mergulhos profundos lá em nossa formação como docentes, na procura instigante de pensar, como professores/as: eu não fui preparado/a para isto!

Mas adivinhem só: acessamos o que eu poderia chamar de país das maravilhas. Ou mundo secreto. Ou viagens a outros planetas. O que for, estamos construindo juntos uma outra noção de tempo na educação. A ânsia de “liberar a vida de onde ela possa estar presa, aprisionada, assim permitindo engrenar novos espaços-tempo, que escapem ao controle, mesmo que de superfície ou volume reduzidos”

(DELEUZE, 1992, p. 218), para assim recriar outros possíveis, invencionar diferentes engrenagens.

A educação é móvel, se refaz sempre com pessoas que sentem o coração pulsar em meio as adversidades. E voltaremos outros, outras... Com um tempo diferente, ainda inexistente, mas não menos potente. É necessário viver um “des-tempo”- “ex-tempo”.

O Chapeleiro Maluco, em meio a uma xícara ou outra de chá, divagava sobre o tempo (Carroll, 2009):

“- O Tempo não tolera ser marcado. Mas se você se der bem com ele, ele pode fazer tudo que você quiser com o relógio. Por exemplo: suponha que sejam oito horas da manhã, hora de começar a estudar. Você só teria de sussurrar umas palavrinhas no ouvido do tempo e, num piscar de olhos, meio-dia, o almoço está na mesa!”

Já é tempo de marcar a hora da (re)invenção.





Referências:

DELEUZE, Gilles. Conversações. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

CARROLL, Lewis. Aventuras de Alice no País das Maravilhas; Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá. Ilustrações de John Tenniel. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

Banana Cósmica

Ana Severo Martins

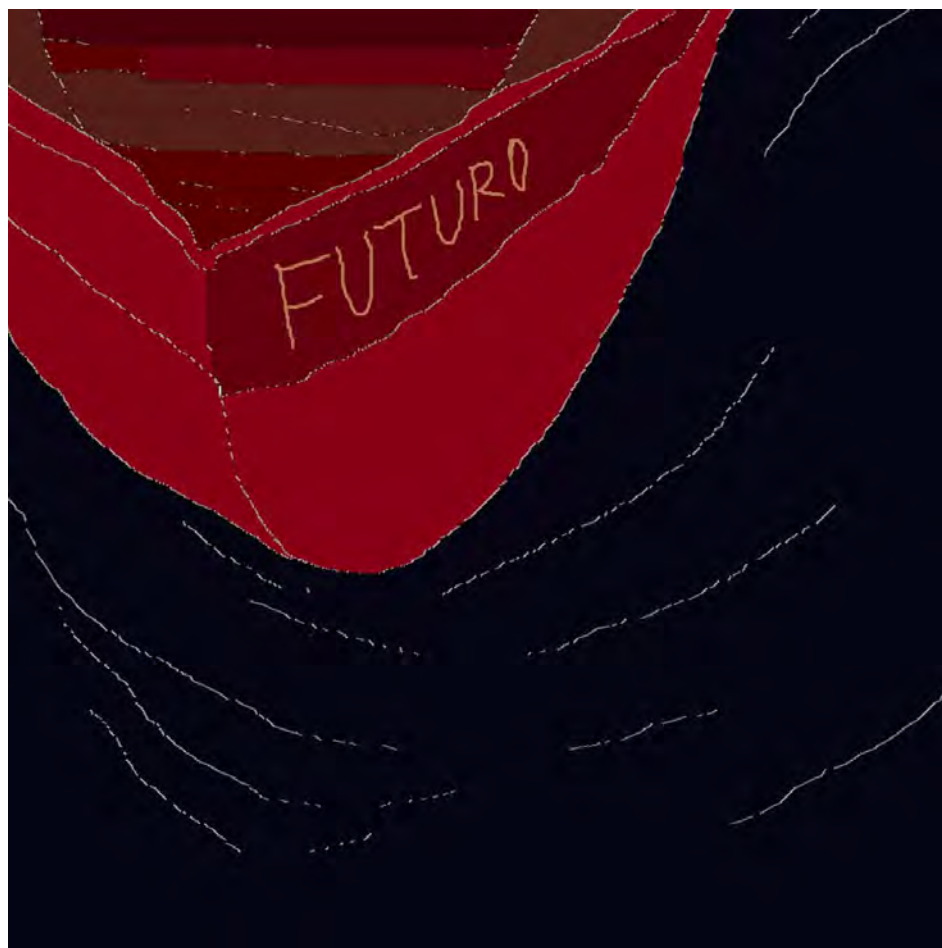
O perfil @ban_anacosmica do *Instagram* foi feito para compartilhar as ilustrações que a Banana cria em seu cotidiano. Banana é o apelido da “moça” (os passageiros dizem assim) que atende no balcão do aeroporto e que encontrou um mecanismo de expressão muito eficiente em seu contexto. Consiste em desenhar na tela do computador com um mouse, através de um programa de desenho que é um tanto arcaico, mas que neste caso expandiu as suas possibilidades – o *Paint* está em praticamente todos os computadores, é simples e também permite que o ato de desenhar seja discreto.

Todos, a princípio, precisamos trocar a força de trabalho por recursos no sistema econômico e social em que vivemos, para que com estes recursos tenhamos acesso a tudo. Todo este processo ou ciclo demanda tempo e energia, passamos grande parte do tempo de nossas vidas trabalhando. Quase sempre há ainda um tempo extra de preparação e de deslocamento, o que traz ainda mais elementos a esta coreografia contemporânea tão comum.

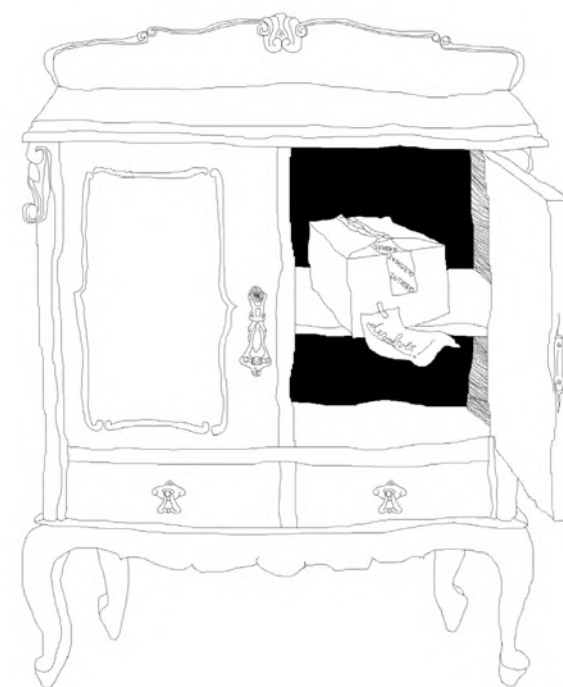
O que acontece no subjetivo desta coreografia do comum? O que a parece atrás dos balcões de atendimento? É o que a Banana vive.



Deusa do Futuro.



Deusa do Futuro.

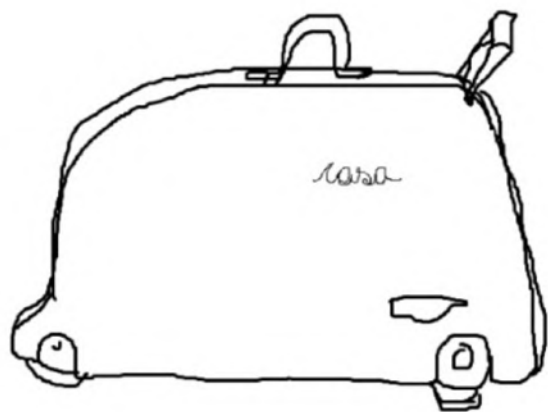


Devolver Introjetos.

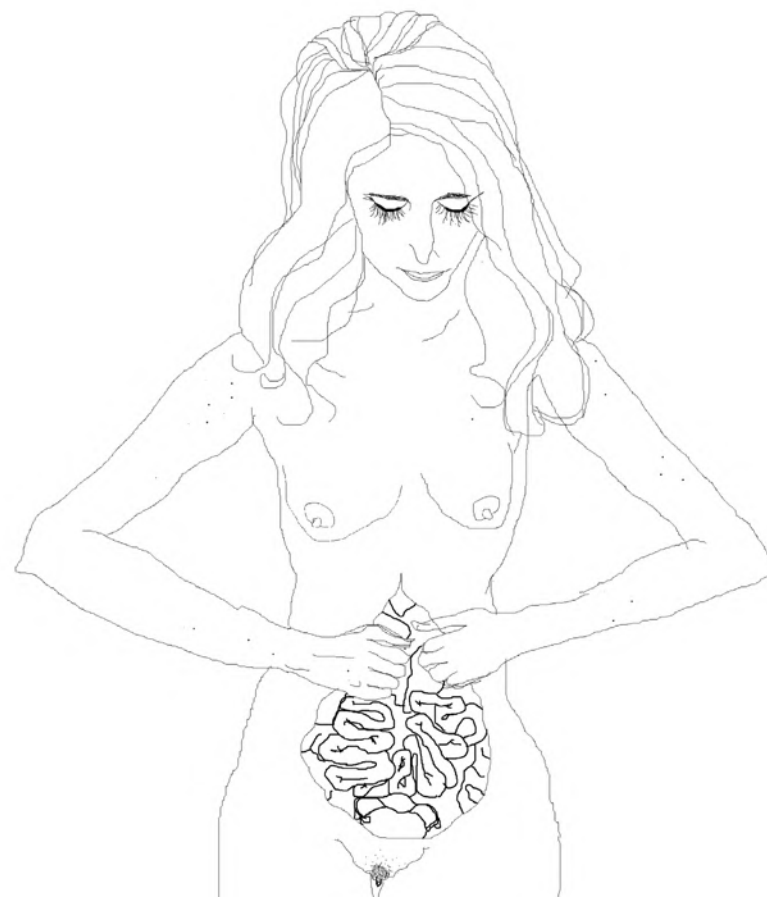


Overthinking Elapídico.

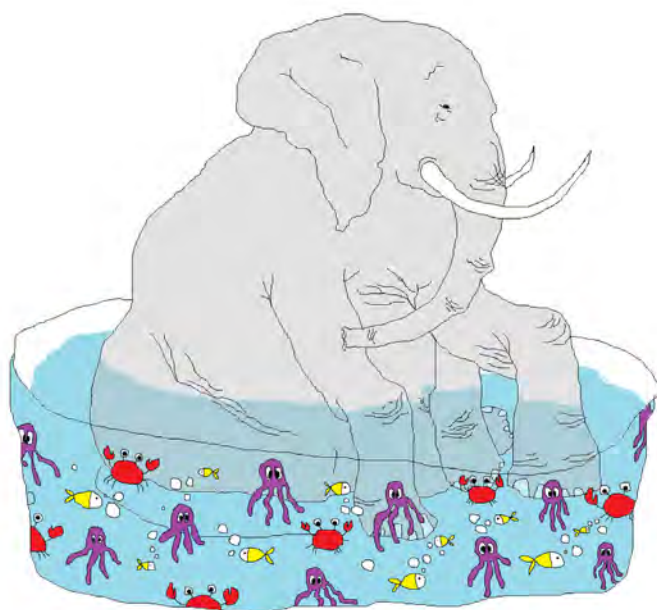
Lauraceae/Glória/Cura.



Casa-Mala.



Da Terapia.



O Elefante na Sala.



O Pudim pelas Bordas.



O Pudim pelas Bordas.

Ciência do que preenche e falta: TOQUE

Bruna Emanuele Fernandes

Este ensaio visual teve sua germinação engatilhada por algumas das várias sementes coletadas por caminhos que se abriram em páginas que percorri em busca de respostas costuradas de palavra e imagem, mas sobretudo pelas lançadas ao vento sobre o campo da minha cabeça e coração por Audre Lorde, Monique Wittig e Silvia Federici.

Absorvendo a potência do erótico e da transformação do silêncio em Lorde, encarei de frente, ao dobrar uma esquina, o lindo quadro que Wittig traçara sobre o poder do riso como ferramenta de quebra de correntes e roer de amarras que nos roubam a nós, existências *queer*, o tesão de vazar por cada um dos poros a empolgação de ser quem se é, junte, semelhante, diferente e si mesmo.

Já num beco sem saída, me embrenhei por uma mata curiosa, em que me deparei com o trabalho de Federici no resgate de uma parte da história da opressão sistêmica de mulheres que justamente escolheram, em alguma medida, viver as dimensões poderosas a que ela tantos anos dedicou em compreender, modular em palavra, e soprar ao vento.

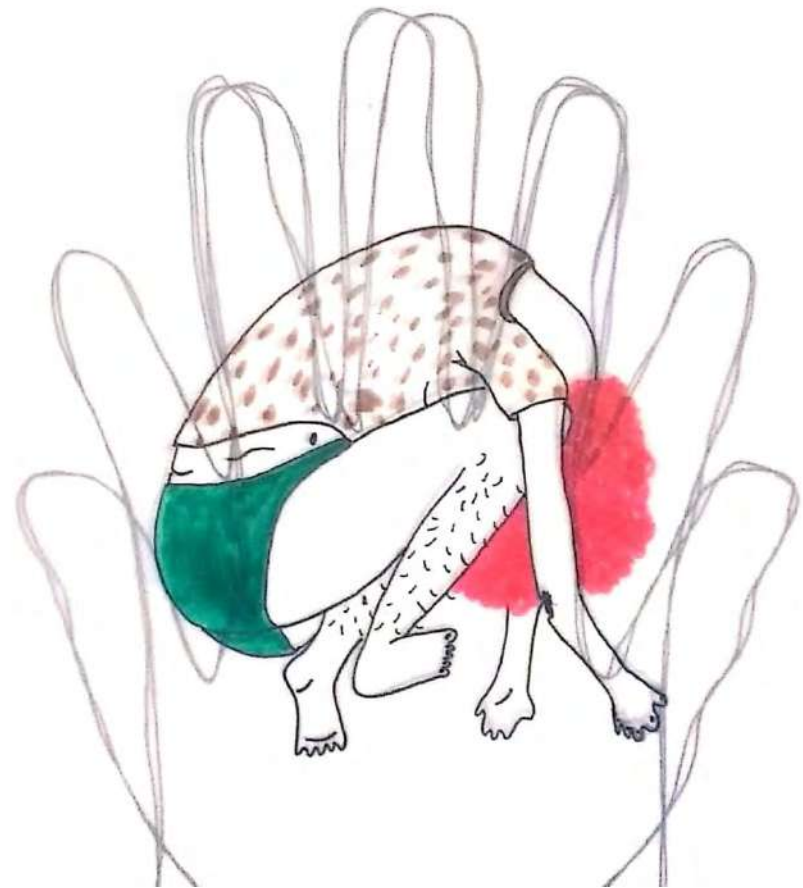
Mas não me preocupei com o cortante do real: à minha febre, uma bruxa em nada parecida com a figura maculada que secularmente

pintam, ofereceu-me água limpa e panos frescos embebidos em chá sobre a fronte. Fiquei bem; o conhecer do perigo foi sobrepujado pelo que há de erótico na contravenção do cuidado entre mãos femininas. Me fortaleci.

Sopro, sopro, sopro sobre trechos de territórios sedentos por água com que nutrir e encharcar raiz, caule, rama, folha, flor, pólen.

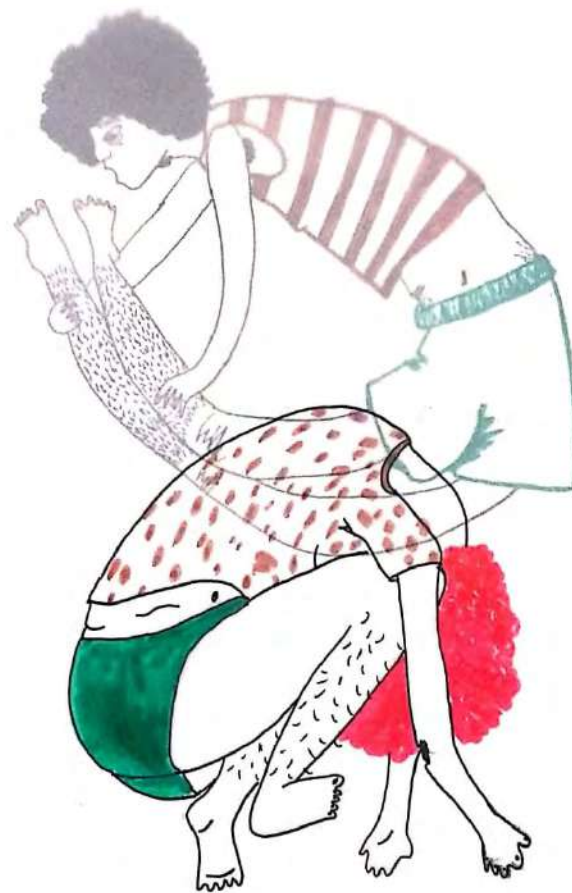
Eu, ser orgânico concebido, alimentado, criado e cultivado com relação íntima com a terra – prática decolonial ancestral sobre a qual se baseia toda a minha família de mulheres fortes -, eu mesma me vi pegando essas sementes e remexendo a terra do vazio do papel com minhas nanquim e a saudade dos pés descalços no barro e mostarda da horta. Com a saudade do toque como a máxima potência do dizer, do sentir, do existir potente erotismo no mundo – antes, agora e daqui em diante.

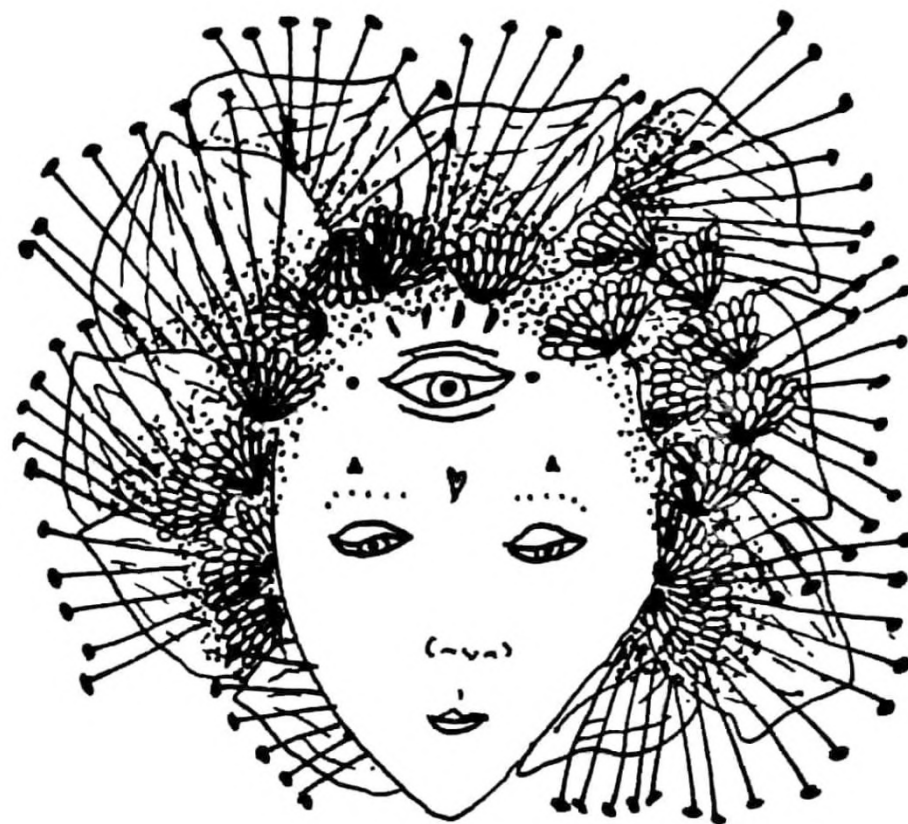
Este ensaio constitui-se de alguns de meus primeiros brotos, lançados a um solo totalmente novo e somente imaginado.











Referências:

FEDERICI, Silvia. Calibã e a Bruxa. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

LORDE, Audre. Irmã Outsider. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

WITTIG, Monique. As guerrilheiras. Tradução de Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

Ruídos da intimidade no (contra) tempo do dentro

Caio Vinicius Russo Nogueira
Priscila Faccini

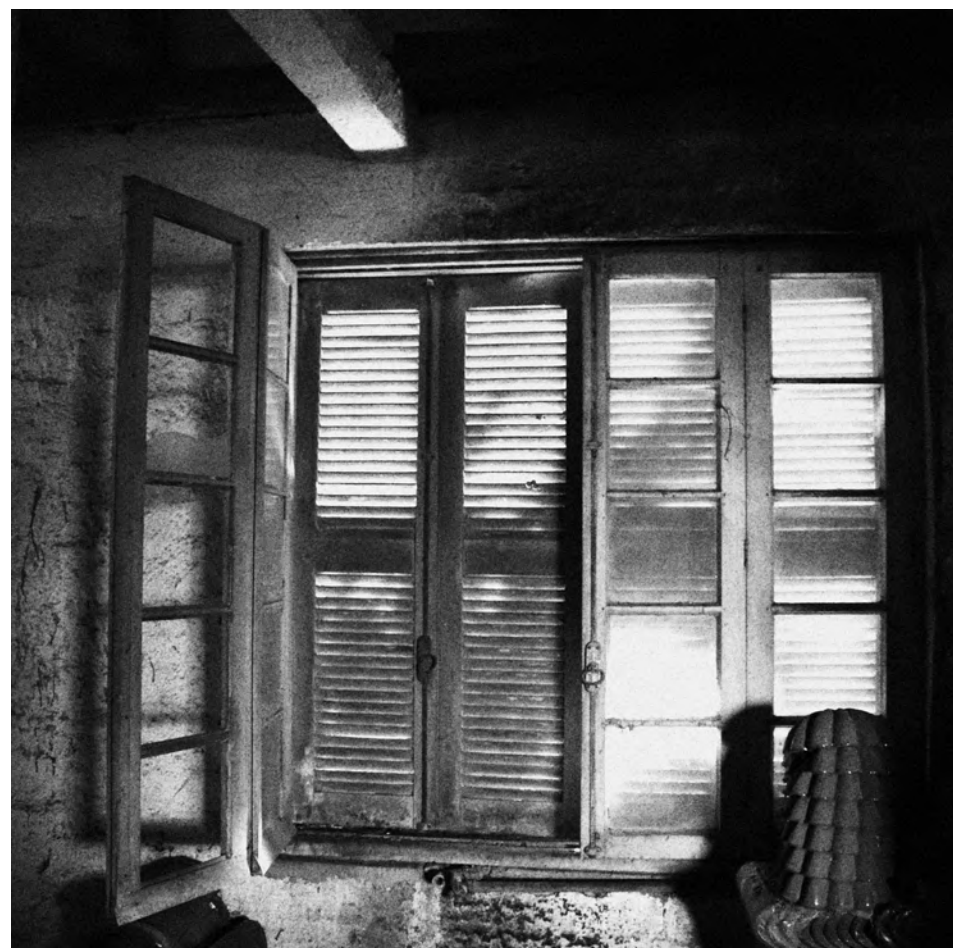
A intimidade é o reino dos continentes surreais autógenos

Peter Sloterdijk

vem aos poucos, rasteja por debaixo da porta na incógnita de um som qualquer, ou melhor, um ruído, sim, um ruído sem rosto que não para de rastejar. será da casa vizinha? aqui não tem vizinhos, é terra devastada. também não são passos, isso não, ninguém tem essa leveza áspera ao caminhar assim descalço, nem mesmo as bailarinas enquanto se equilibram entre o sorriso e a pontinha dos pés desgastados, como dessas pequeninas macabras aprisionadas nas caixas de música de madeira lustrosa ao rodarem e rodarem até que uma mão insuspeita as fechem no silêncio do dentro. vem aos poucos, se debruça sob o encosto da poltrona que fiz com os tijolos abandonados e sobe, sobe num sussurro indiscernível que se acomoda em meus tímpanos massageando as lembranças que tratei de esquecer, ruído acre que desliza traçando caminhos nas curvas do céu da boca, irregulares como a abóbada de uma catedral feita, pedra a pedra, por um cego de nascença que tateia o teto sem que nenhuma corrente de medo atravessasse seu corpo pela vertigem da altura. preenche aos poucos, invade aos poucos, descendo

a garganta e tangendo minhas cordas vocais como um mínimo instrumentista de rua. e eu canto sem notar num timbre secreto, numa linguagem arcaica que se recusou a ser soterrada, uma música ainda por ser escrita numa paisagem escondida. e o canto atravessa minhas narinas como um odor de lavanda que o campo, num dia frescamente ensolarado em que a delicadeza do vento quase não se faz notar por pura timidez de sopro, destila nadando por sob meus olhos fechados, inchando minhas pálpebras com imagens. gostaria de apagar o mundo por alguns dias. não, não desejo a cegueira, isso não, desejo ver a escuridão desmaiada ao redor das cores num tempo porvir. superando um pouco o insidioso paradigma da escuridão, a insistência do negativo que a tudo devora com dentinhos horizontais em formato de menos, posso sentir meu íntimo ganhando sustentação na contramão menos óbvia dos ritmos nos continentes do dentro; cômodos internos, janelas bifurcadas, passagens e frestas que vão conectando as partes mais distantes de mim, ecos por todos os lados deslizando pelas paredes, mas se uma luz se acendesse assim de repente vinda do exterior sem aviso, iluminando a folhagem rasteira que crepita sob a minha carne possuída pelo milagre da conexão infinda, soterrando os móveis daqui de dentro com sua tão vasta dominação branca que desvela as supostas

certezas do derradeiro, eu perderia a beleza levemente deslizante que o esquecimento guarda. talvez descobrisse que o ruído é não mais que um gato a ronronar sob os cantos do depósito que agora me deito despreocupada. talvez descobrisse que o ronronar venha de mim em ressonância com os estilhaços que através do meu eu destilam polifonias aberrantes, que minha garganta exala esse motor animal em roldanas de carne e nervos, pedaços do possível afoito que desejo apagar para criar a virtualidade cheia de nuances que no mistério da intimidade não me basta; talvez eu deseje tão somente um ponto de chegada puramente ordenado, tendências do uno. não, isso não, daqui da minha poltrona de destroços domésticos posso imaginar a tristeza de Colombo quando desceu em terras depois do tamanho esforço em perder-se sem rota. do esforço em navegar sem rumo até as caravelas serem comidas pelas água, até seus ossos afundarem no desconhecido do fundo e não pararem de ir e vir com uma casa de animais marinhos que fariam de seu crânio moradia da espera. enfim a terra e a tristeza da terra, meus pés sólidos pisando a solidez do que existe e é certo e por isso não se encerra ainda.





Três vozes

Claudio Moreira

I.

poderia tentar começar de outra forma
mas parto do meio, aprendendo a andar de ré
esse começo é uma ignição, um fluxo
que parte do terceiro andar do edifício monte branco,
com o ouvido fixo na esquina, através da janela
fisgo a ponta de um prédio de concreto que, inicialmente, foi projetado
para ser um arranha-céu
na metade da edificação, a brisa o envergava mais do que o previsto
tiveram que finalizar no vigésimo sexto apartamento, 105 metros de
altura

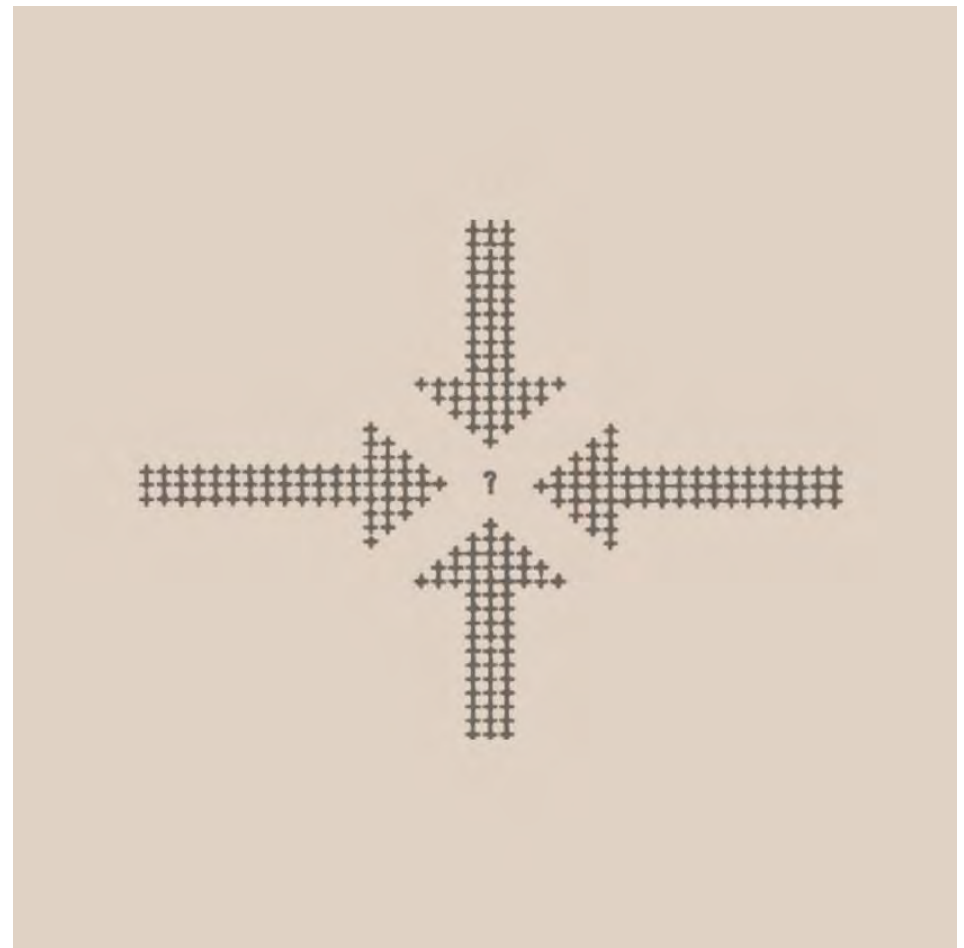
- - -

as três buzinas longas em meio a escrita evocam um som ou
são apenas lidas enquanto três hífen
o que importa é que
em código morse são a letra O
um ciclo sem fim
segura isso
ciclo sem fim
agora, ando em círculos
e para sair do círculo
do vício do círculo
é preciso friccionar as
bordas

II.

ainda com o ouvido fixo na esquina
nestes caminhos que se entrecruzam e convivem paralelamente
existe uma boca faminta em meio ao cruzo
de um corpo que tudo dá
- - -
entre o nada e o presente que se alarga forma-se uma brecha
uma contração diante do passado e do que está por vir
a encruzilhada é a sobreposição de linhas
que eram círculos e foram cortados
a encruzilhada articula pluri diálogos que apontam enquanto
possibilidade
gera um arrebate dos cacos produzidos nas experiências de terror
e os remonta
uma fricção na binaridade do ocidente que insiste
no conjunto de técnicas visuais e discursivas bem precisas
que incendeiam toda epistemologia que foge do vício do círculo
é preciso forçar a vista até enxergar o invisível
é preciso forçar a vista até que ela se rompa e se reconstrua
uma mirada para os horizontes enquanto encruzilhadas
uma mirada para linhas que não dividem o céu do mar

III.
yoko ono em sua entrevista com hans-ulrich obrist
nos lembra que
no mundo conceitual é possível combinar uma maçã com uma
escrivadinha
yoko ono propõe cruzos
para incidentes propositais
gerar imprevisibilidades
com a concretude das palavras de ordem



(s)

(o)

(s)

código morse:

três buzinas curtas ••• (s)

três buzinas longas --- (o)

três buzinas curtas ••• (s)

O Velho Ver e o Novo Olhar!

Fernando José Caldeira de Andrada









01/25

'A Peccat N°

Josephine 2018



Coreografia da leitura

Gabriel Coelho

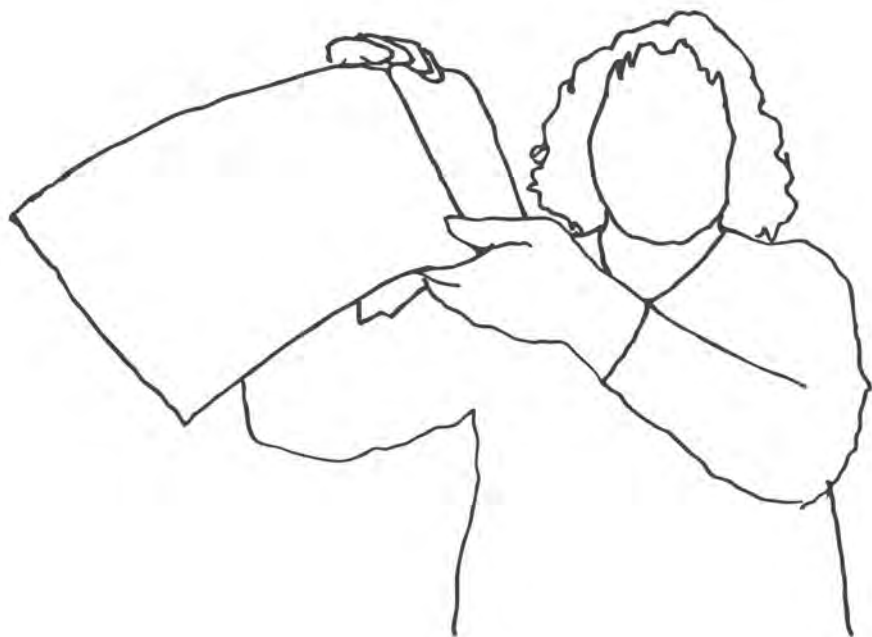
A leitura é eminentemente ato temporal e dispositivo de coexistência. É temporal no sentido em que o gesto performático de ler – deslizar os olhos, tomar a folha entre os dedos, aguardar a fração de segundo entre o fim da página anterior e o início da seguinte – se prolonga no tempo. O espaço de uma capa a outra nada mais é que uma linha cronológica, sequenciada em seus fólios. Por sua vez, a leitura promove a coexistência ao pressupor um diálogo: ler necessariamente envolve o encontro de um leitor com um autor. E esse dispositivo pode ser ampliado, quando, além de se ler o outro, pode-se ler com o outro e para o outro.

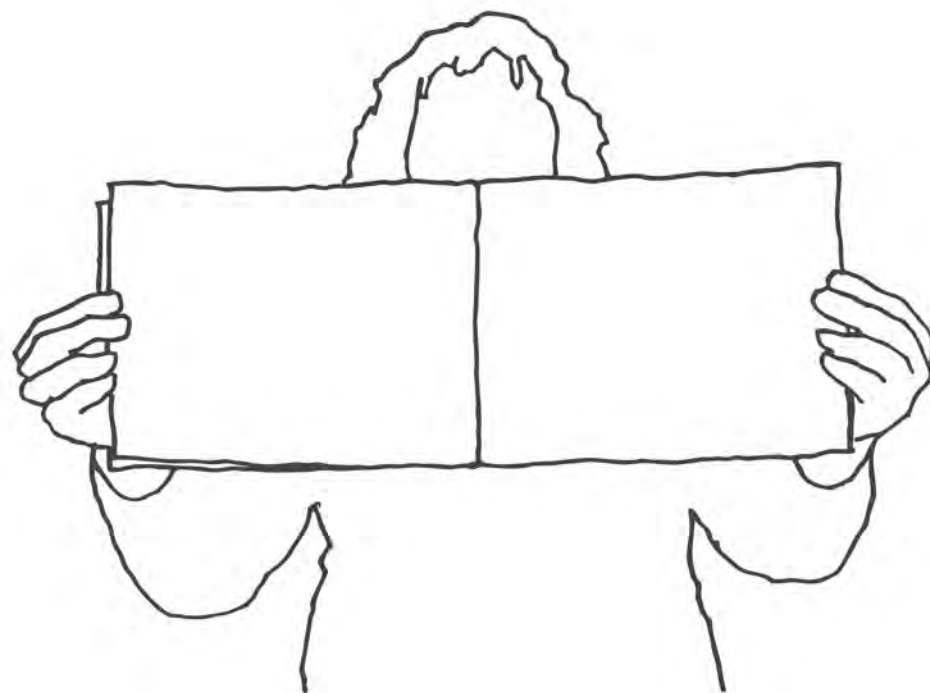
É destas premissas que parte a concepção da coreografia da leitura. No trabalho, originalmente publicado como um livro de artista, registro fragmentos da minha ação de ler um livro infantil para um público diante de mim. Partindo de reflexões sobre Goulemot, penso a leitura como gesto coreográfico que se desenrola temporalmente, e celebra o encontro daqueles sujeitos junto de quem se lê.











Referência:

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In:
CHARTIER, Roger (org.). Práticas de leitura. 5. ed. São Paulo: Estação
Liberdade, 2011.

Eu não sou uma estrutura sólida

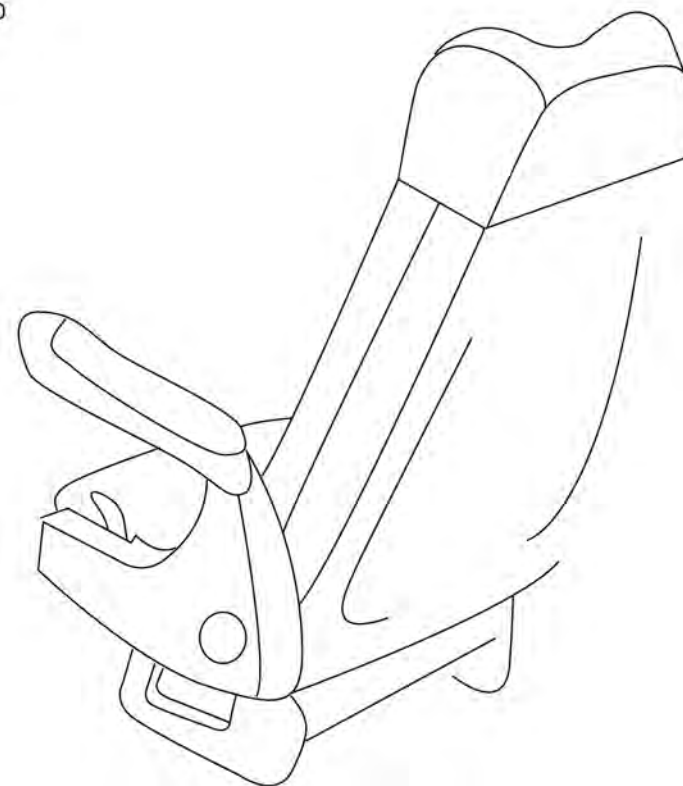
Leila Pessoa

Tudo começa na aresta, que é sobretudo a linha de intersecção entre dois planos, que formam uma linha reta. Assim podemos chamar essa aresta de trajetória. Partindo deste tópico acho que o vínculo é o desprendimento de algo interno, que tenta se ligar, por vezes conseguindo, outras não. Com alguma superfície externa. A trajetória pode acontecer inversamente da parte externa para a parte interna, a ordem não importa e sim se as planícies das camadas se cruzam. O vínculo se dá de variadas formas, com conectividades diferentes. Ao todo se formam redes. Ponto a ponto, ligando pessoas, sentimentos, histórias, lugares, viagens, amores e desamores. Formando o grande emaranhado de fios. As memórias ficam como um poste velho com dezenas de fios inutilizados, mas ali. A qualquer momento pode passar uma rede de energia. Quase nunca escolhemos esse vai e vem. Tem horas que é sufocante permanecer aqui. É sempre uma aposta. Gosto de pensar essa confusão em forma de tecido. Seguiremos agora numa viagem feita por camadas. Primeiro, pensaremos assim: numa malha, um tecido, o pano no qual pode nos acompanhar por gerações, décadas, anos, ou às vezes só por meses, tendo em nota que: o cronos aqui tem outra função sobre cada camada dessa malha, que chamarei

de temporalidade orgânica. O tecido no qual visualizo se forma com dois componentes: trama e urdume. O urdume é o conjunto de fios dispostos na direção longitudinal, apenas o comprimento do tecido. Já a trama é conjunto de fios dispostos na direção transversal, a largura do tecido. Os fios de urdimento possuem maior número de torções, porque precisam de maior resistência. O tecido de malha é um fio um tanto mais flexível. O fio é produzido com poucas torções. A cada uma dessas linhas se formam vínculos. Que podemos chamar de correspondências, e quem comanda essas conversações são os fluxos. A partir desse pensamento construiremos uma espécie de malha de tempo, em que vamos separar em três questões: a memória, o legado e o arquivo.

eu não sou uma estrutura sólida

ADEUS



HD



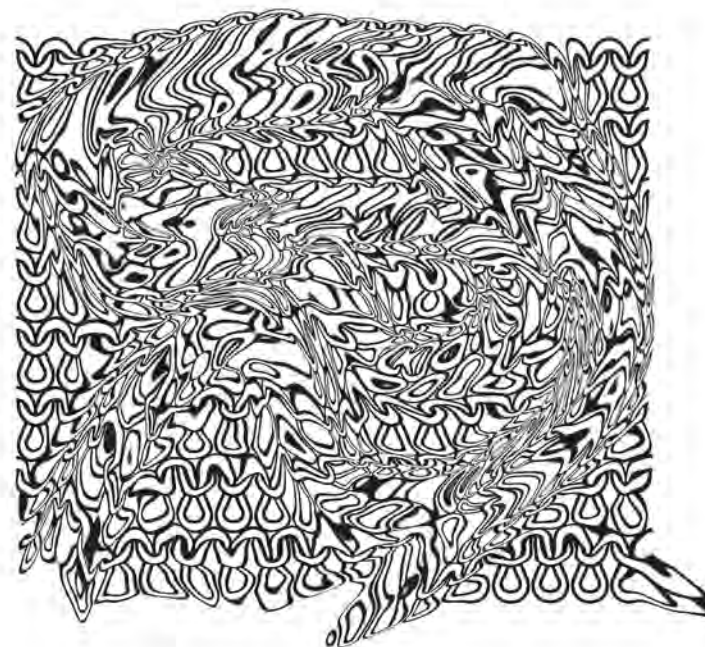
externo



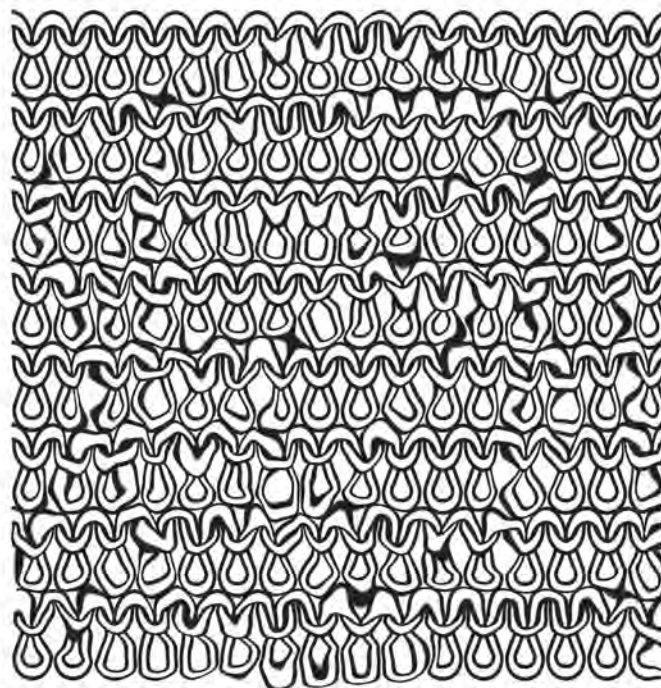
NÓS NÃO TEMOS
A NOVA CRIANÇA



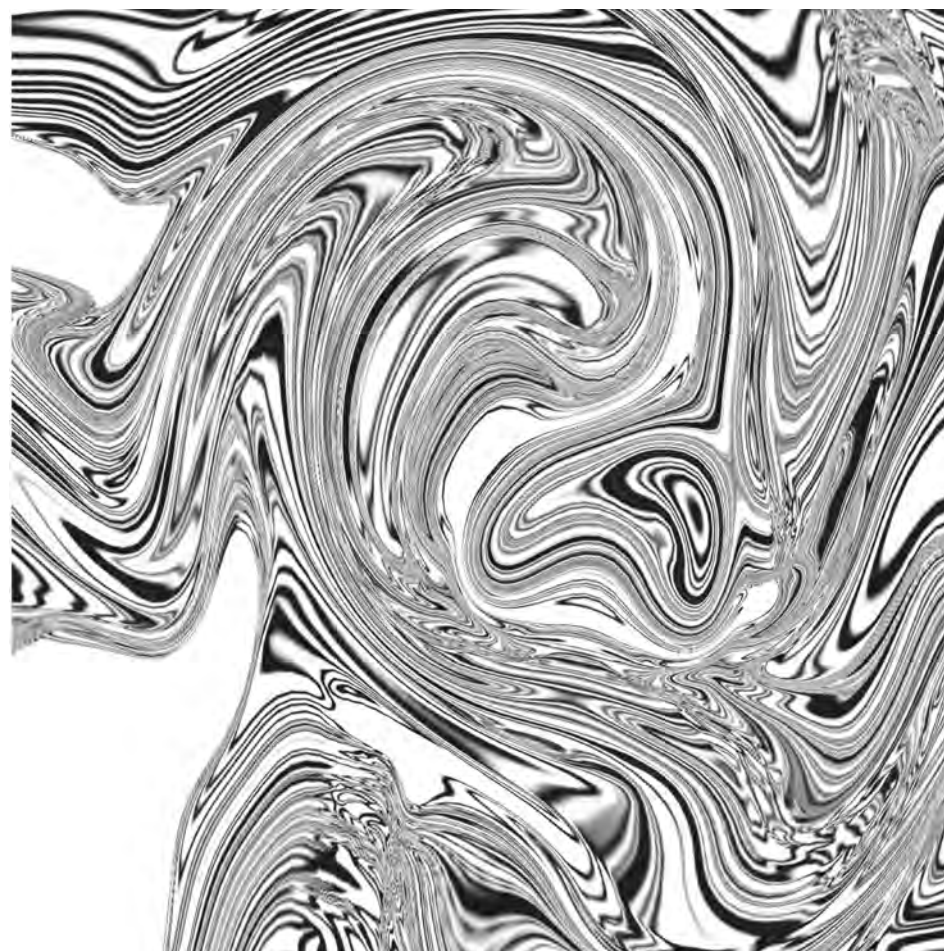
interno



T r a m a



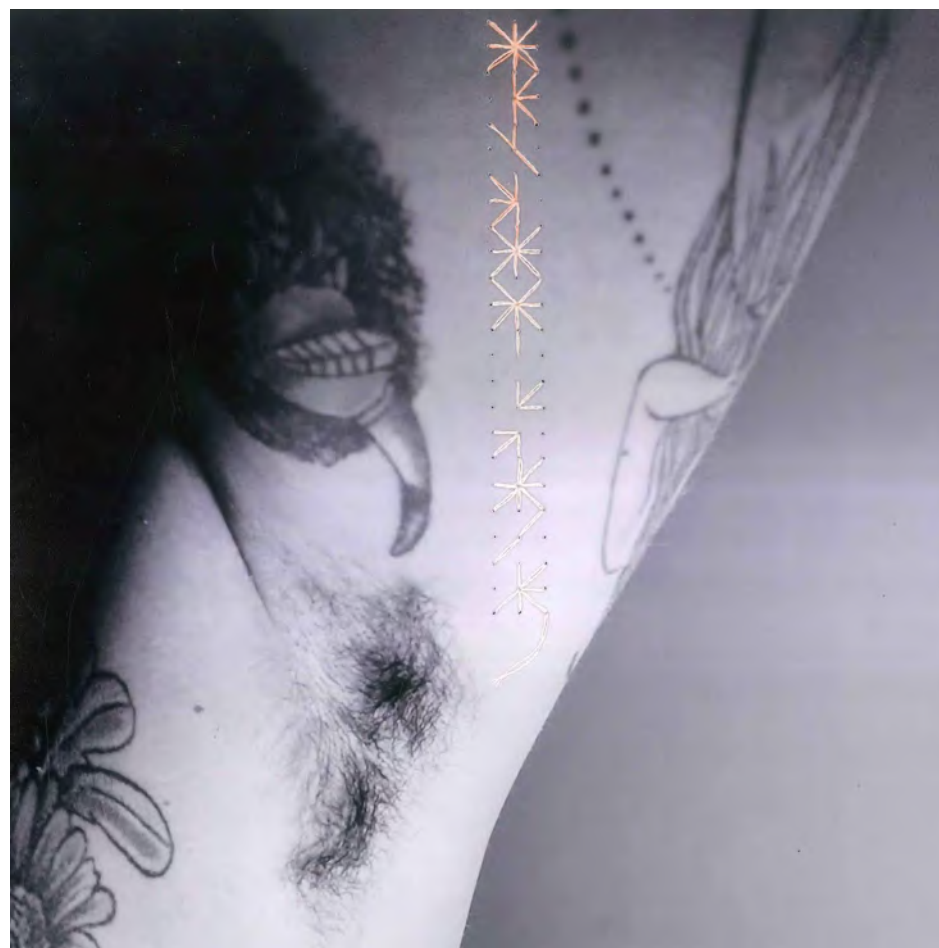
U r d u m e

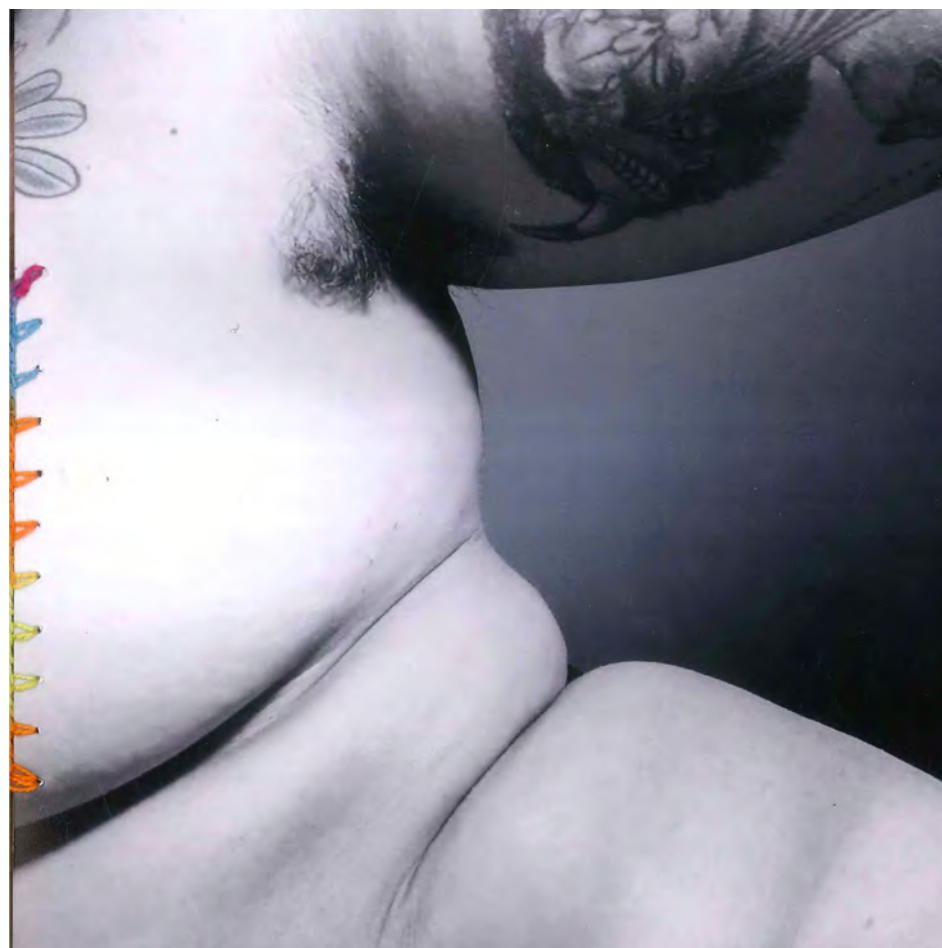


Aceitação

Ludmila Castanheira

Sim, atentaremos contra a família nuclear porque em nome dos laços consanguíneos temos sofrido todo tipo de violência. Nos organizaremos em outras negociações, de afeto e sobrevivência em nossos bandos de gente desgarrada. E seremos – somos – nós a educar suas crianças, desde sempre, repovoando imaginários. Desejamos que o “choque” causado pelas práticas do nosso desejo seja fulminante porque, sim: nossas corpos vivos transbordam os seus limites estreitos. Gozaremos por todos os orifícios, com todas as protuberâncias, próteses, poros, pele, nos vãos e curvas. E não deixaremos que vocês, do tacanho sistema pau-homem-mete-em-buceta-mulher, fiscalizem nosso desejo. Nós descoberemos a “discrição”, que vocês nos pedem “carinhosamente”, na tentativa de ocultar a brutalidade que é solicitar que não sejamos quem somos. E lhes passaremos na cara o seu contrato infeliz com uma vida minguada.



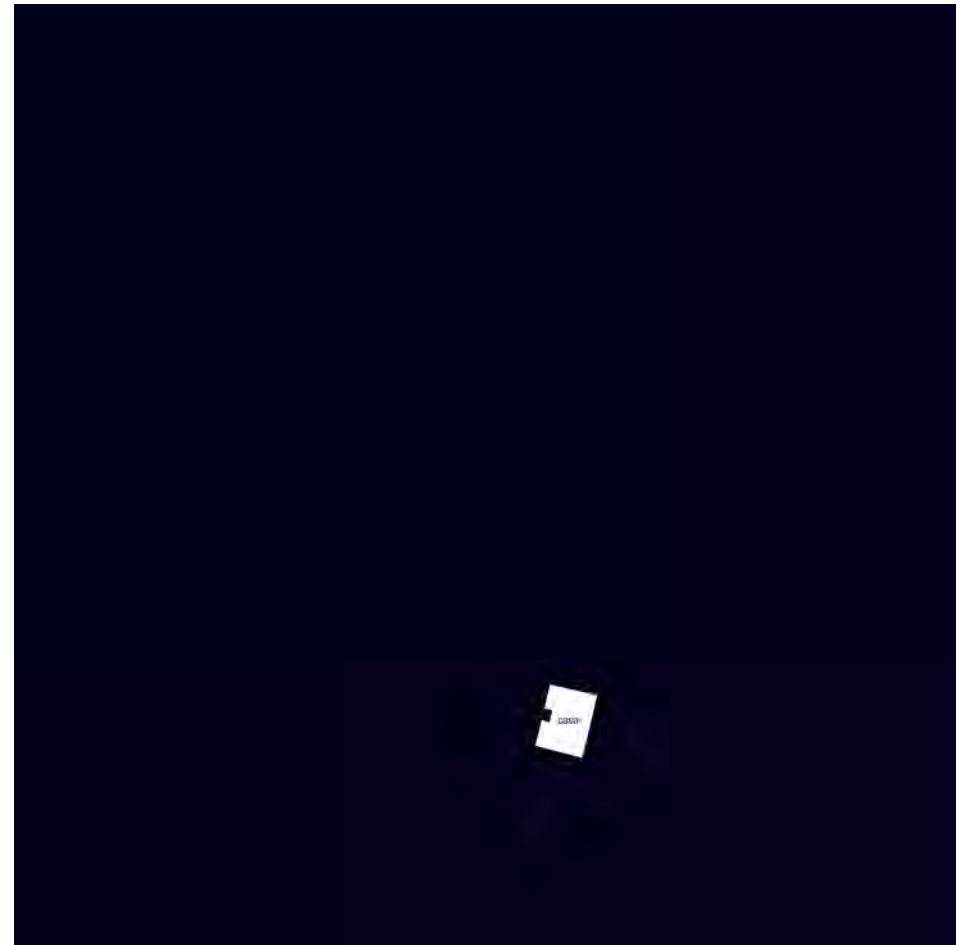


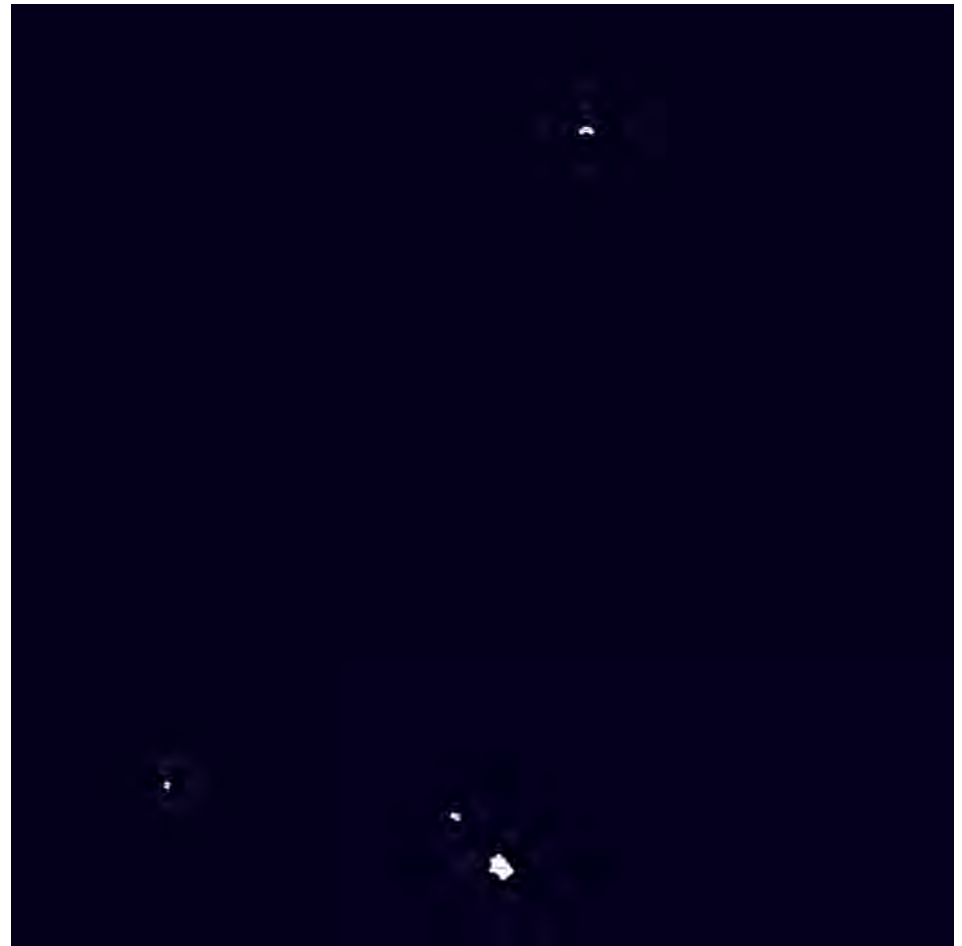
Maré alta

Marília Scarabello

Sentir-se ilhada, precisar ignorar o “entre”, de certa forma temer este intervalo entre os lugares, desconhecer os riscos dos espaços que os permeiam, olhar apenas para a superfície.

3 desenhos digitais realizados a partir de imagens de satélite da minha cidade retiradas do Google Maps. Cada desenho corresponde a uma escala deste mapa, sendo o primeiro, mais aproximado, o entorno imediato da minha casa; o segundo, mais afastado, meu bairro e regiões adjacentes; e o terceiro uma vista mais ampla do tecido urbano. Em cada um destes recortes do mapa pinteí de branco e nomeei os locais de extrema necessidade que podiam ser avistados, a começar pela minha casa. Todo o resto foi suprimido com a aplicação de uma cor sólida, um azul escuro, fazendo dos pontos brancos pequenas constelações.





Dados técnicos:

MARÉ ALTA | 2020

Desenhos sobre imagens de satélite do Google Maps.

Dimensões variáveis dependendo da apresentação digital.

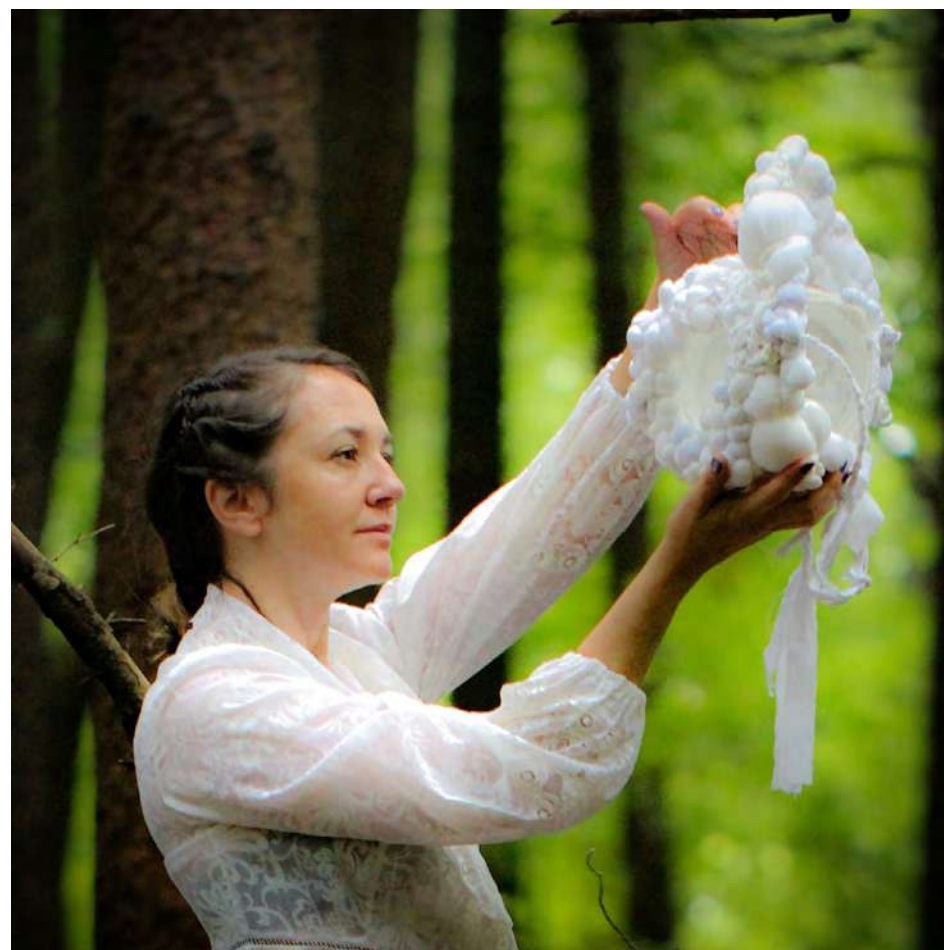
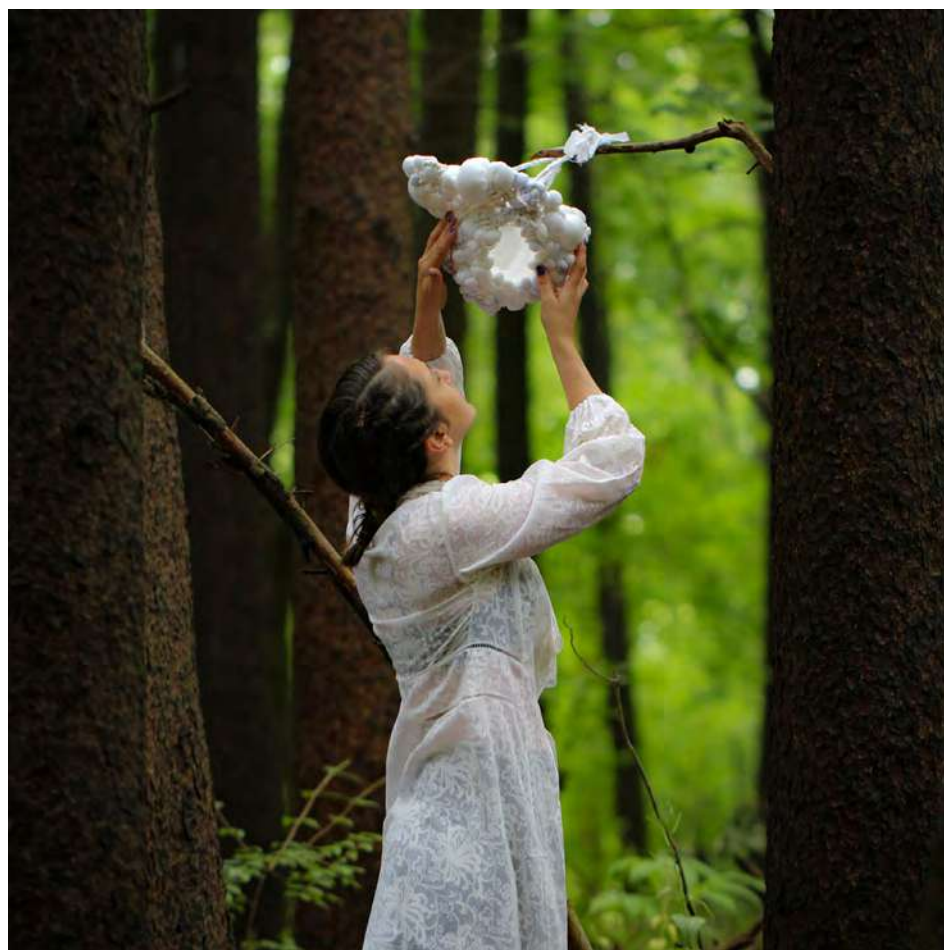
Entre o mostrar-se e o esconder-se

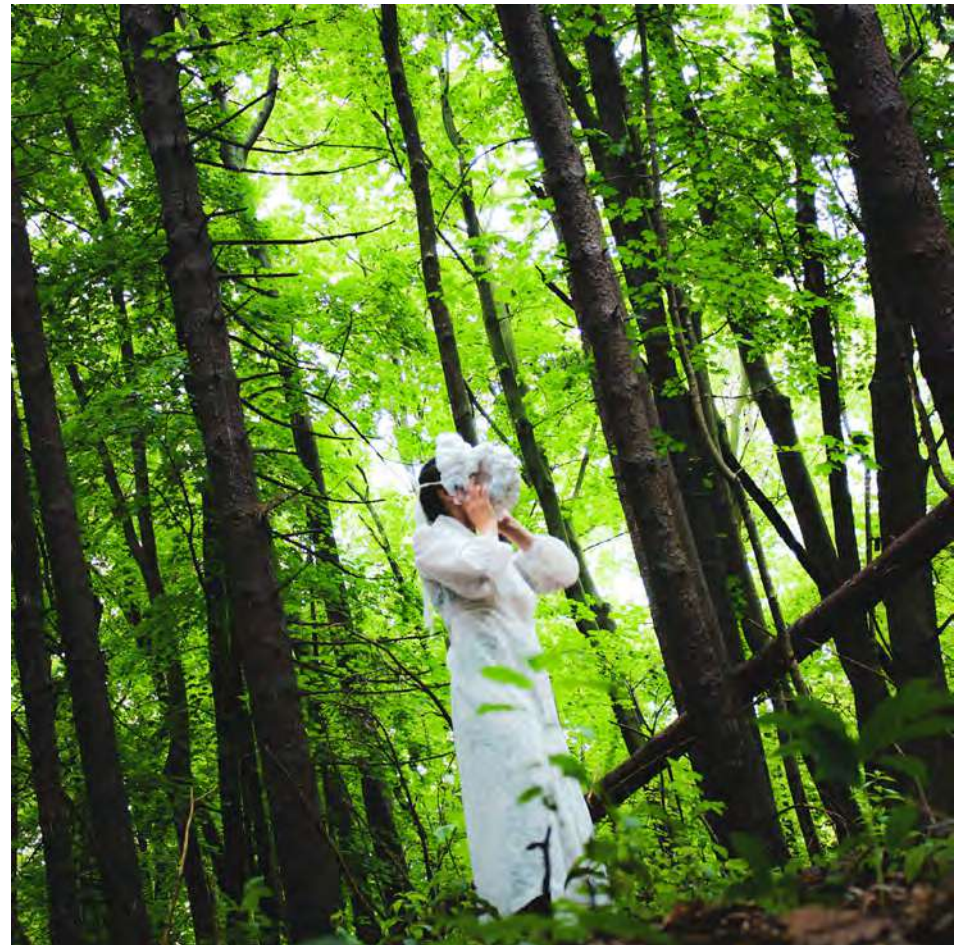
Mônica Lóss

Este projeto resultou da imersão no cotidiano, a partir da condição de “ter que ficar em casa” em uma rotina onde o cuidar, entreter, alimentar, limpar, produzir, conviver foi intensificada, somada à preocupação por segurança e proteção, o que acabou influenciando questões pertinentes à minha prática artística: o corpo/casa que é abrigo e esconderijo, onde nos permitimos mostrarmo-nos e ao mesmo tempo, escondermo-nos. No espaço existente entre estes dois polos, fui construindo tramas relativas às identidades femininas, às memórias, às narrativas, ao pertencimento e à noção de quem sou e de quem é o outro, do que mostramos e do que escondemos. O mote desta pesquisa partiu da ideia de explorar a máscara como elemento físico e metafórico, servindo para estruturar as construções têxteis, feitas a partir de materiais que estavam disponíveis na casa: utensílios domésticos, tecidos de roupas que fui tirando do armário, luvas de látex, sacolas e sacos plásticos, cordas e fios, meias-calças e até a cortina da sala. Explorar materiais diversificados e sobretudo de descarte faz parte de minha poética e, neste contexto, adquiriram importância ainda maior sendo utilizados sem parcimônias ou resistências. Assim, fui amarrando, tecendo, costurando, bordando e explorando uma

poética do erro, desfazendo e refazendo, desconstruindo e libertando coisas dos lugares em que deveriam estar e construindo para elas outros modos de existir, experimentando soluções, mudando as direções, deixando os avessos saírem pra fora.

Neste processo, as máscaras foram adquirindo outra dimensão, tomando conta do rosto e depois, da cabeça. Foi neste ponto, que comecei a perceber o jogo que existe entre o velado e o desvelado, onde “não quero ver coisa alguma, não quero que as coisas me vejam”¹, onde posso ser outras em um cenário em que não há ninguém para me ver e em que não vejo ninguém.







Nota de fim:

1 MORAES, Eliane Robert. O corpo impossível. São Paulo: Iluminuras, 2002, p. 36

Referência:

MORAES, Eliane Robert. O corpo impossível. São Paulo: Iluminuras, 2002.

Dados técnicos da obra:

Série Entre o mostrar-se e o esconder

Cabeça cachopa, 2020

Construção têxtil. Costuras, tecelagem, crochê e amarrações

Coador plástico, tecidos, fibra acrílica, linhas, corda e plástico

40 cm x 31 cm x 25 cm

Fotografia: Mariana Kobal

sol-pôr

Rafael Nunes Menezes

“Se é vida, sangue ou oiro,
nada sei, nada de nada
escondido que ele é
no ínfimo e na sombra. Oculto.”
(Maria João Cantinho)

Dia e noite. Cotidiano. O dia a dia é um longo lusco-fusco. Crepúsculo às “17:44, terça-feira, 28 de julho de 2020”; alvorada às “06:57, quarta-feira, 29 de julho de 2020”: os horários são apresentados nas telas dos celulares com exatidão. Contudo, quando estou sozinho em meu apartamento [oitavo andar] é o lugar mais seguro para permanecer [isolado e longe de multidões], poderia eu contemplar o pôr do sol pela janela? Não. Há muitos prédios, muitos apartamentos, muitos oitavos andares. Eles bloqueiam minha linda [ida] vista crepuscular, porém não abafam o som dos sinos da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, à rua Marechal Guilherme, 60. Sons de outras formas de marcar o andamento das horas antes das precisas inovações tecnológicas.

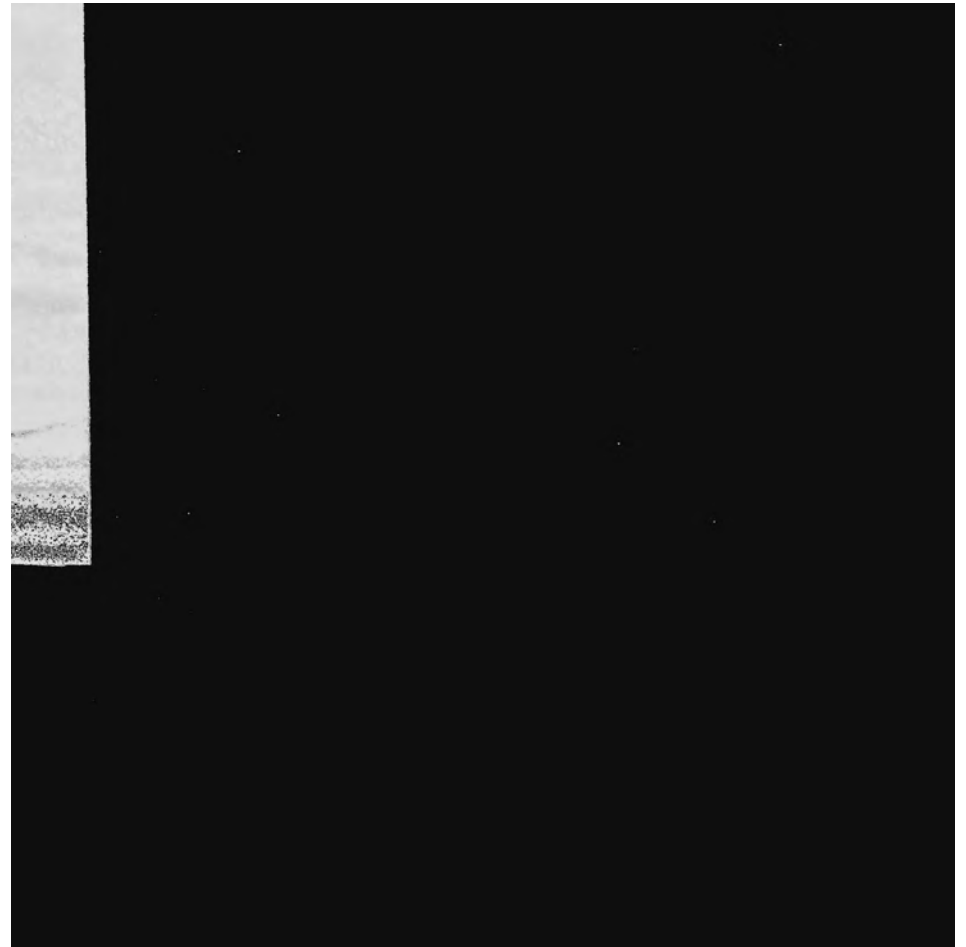
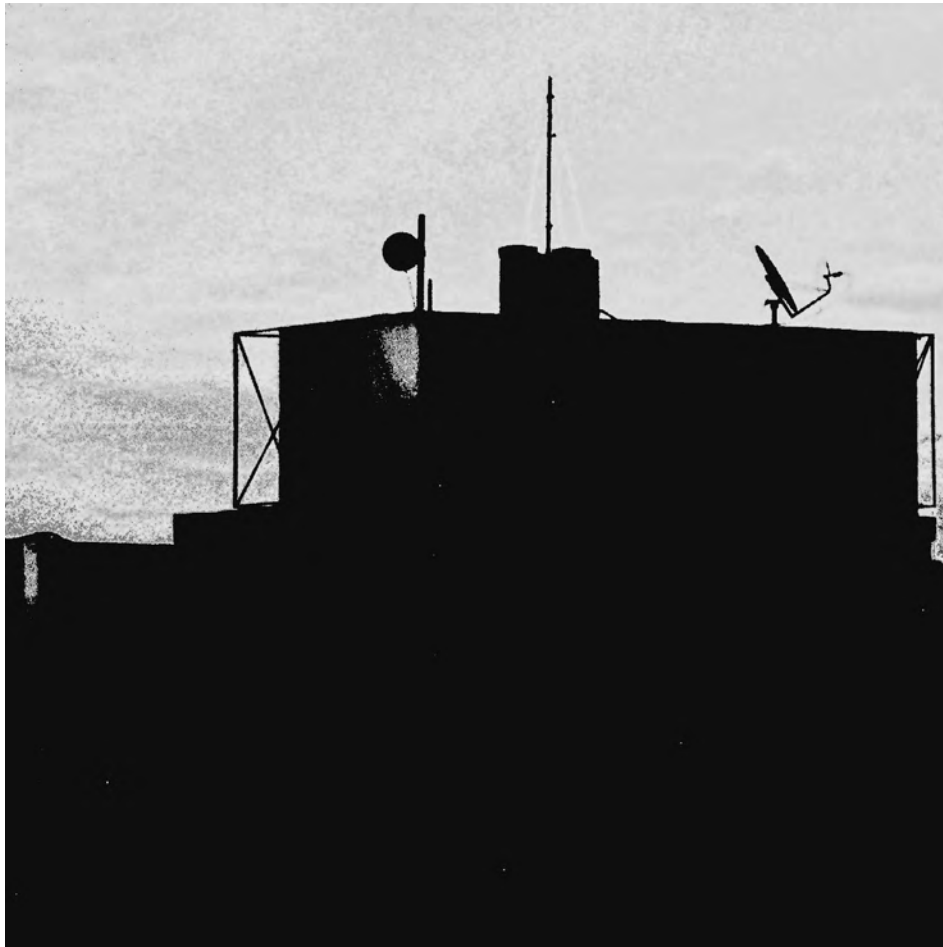
Pego minha câmera e procuro o pôr do sol [aquele antes

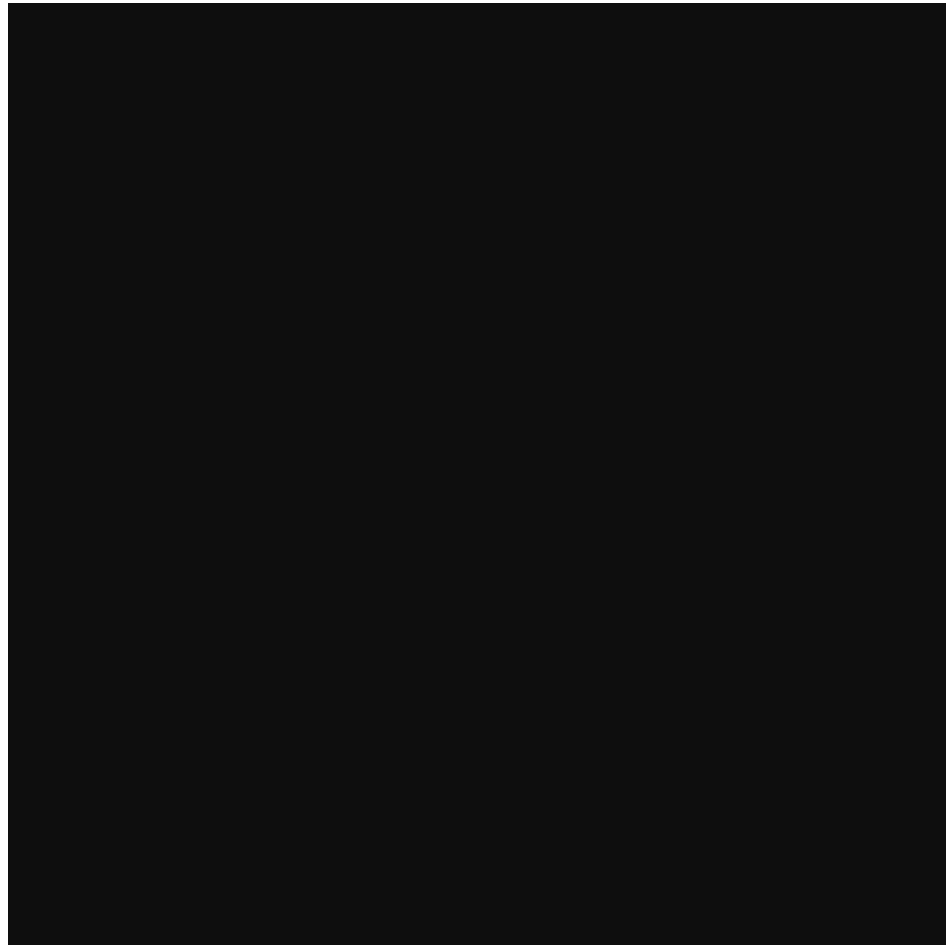
mencionado]. Oculto. Se não há como captá-lo em si, há como captar sua silhueta. Ou um vestígio de silhueta. Um negativo deixado nos prédios.

Após o fim do evento, a foto ainda existirá, conferindo ao evento uma espécie de imortalidade (e de importância) que de outra forma ele jamais desfrutaria. Enquanto pessoas reais estão no mundo real matando a si mesmas ou matando outras pessoas reais, o fotógrafo se põe atrás de sua câmera, criando um pequeno elemento de outro mundo: o mundo-imagem, que promete sobreviver a todos nós.¹

A fotografia em preto e branco traduz o modo como a experiência me afetou. E o sol se põe... agora imortalizado no registro e em seus ruídos. Fecho meus olhos: fosfeno².









Notas de fim:

1 SONTAG, Susan. Sobre fotografia. Trad.: Rubens Figueiredo. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2004, p. 22.

2 Sensação luminosa que ocorre quando se mantém os olhos fechados em ambientes escuros.

Referência:

SONTAG, Susan. Sobre fotografia. Trad.: Rubens Figueiredo. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2004.

Você tem fome de quê?

Rodrigo Pedro Casteleira

Com as recomendações sanitárias, e biopolíticas, o distanciamento social e o isolamento são as tônicas para que a vida seja assegurada. Contudo, os tesões e tensões seguem e soerguem os desejos todos de modo a provocar possíveis mudanças, ainda que microlocalizadas. As fomes todas parecem nos mover aos mercados inúmeros ditando mais contornos e mais cuidados frente aos produtos para o consumo. Impera, talvez, preencher sempre nossos orifícios maquínicos famintos.

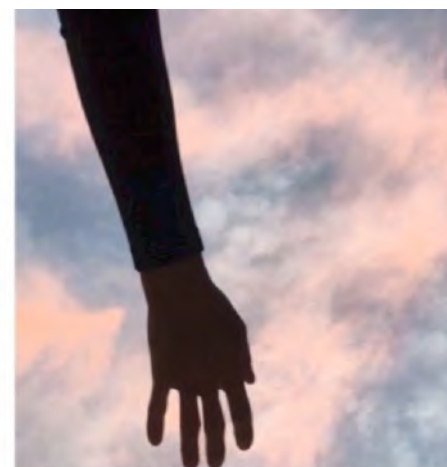
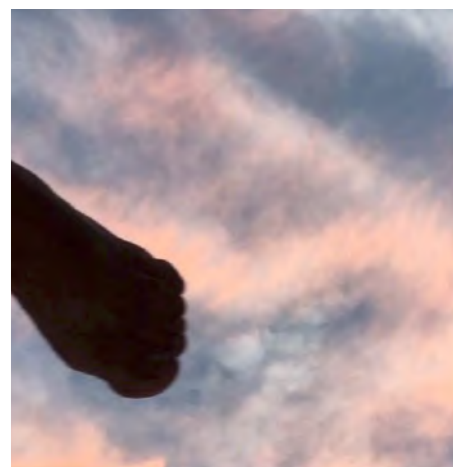
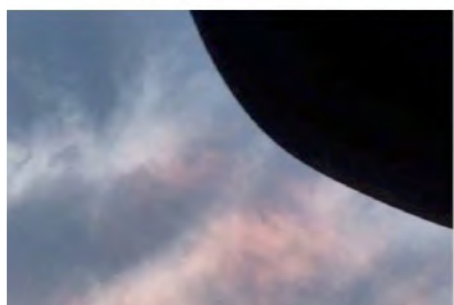
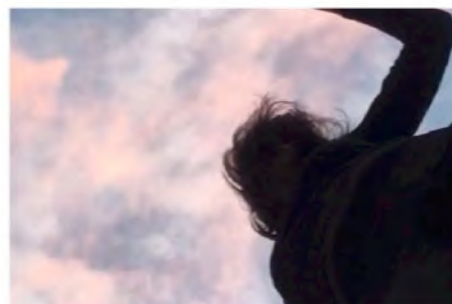
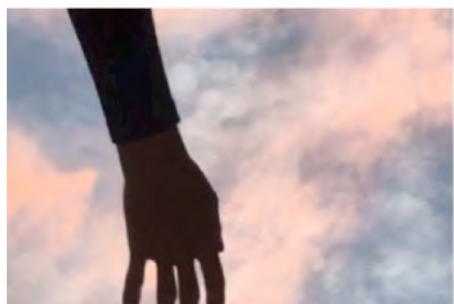


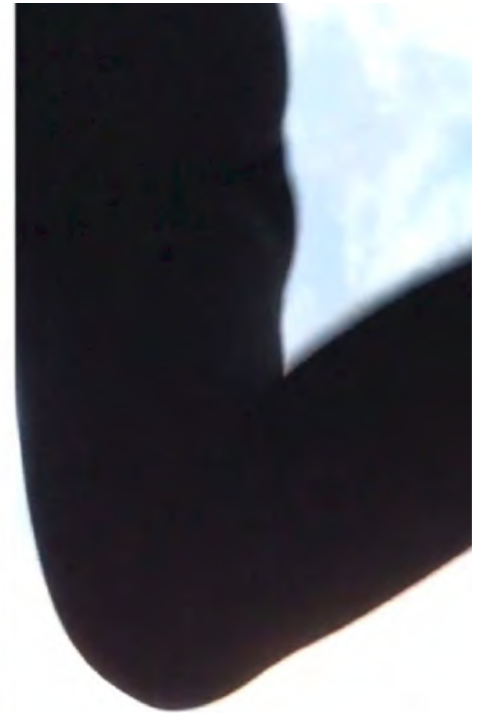
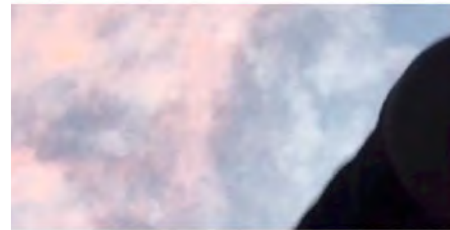
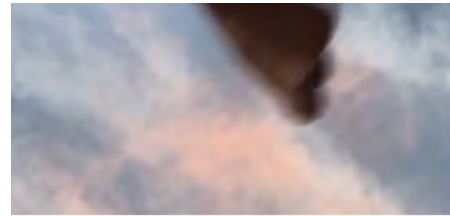
Micro-danças, coreografia das imagens

Sarah Ferreira

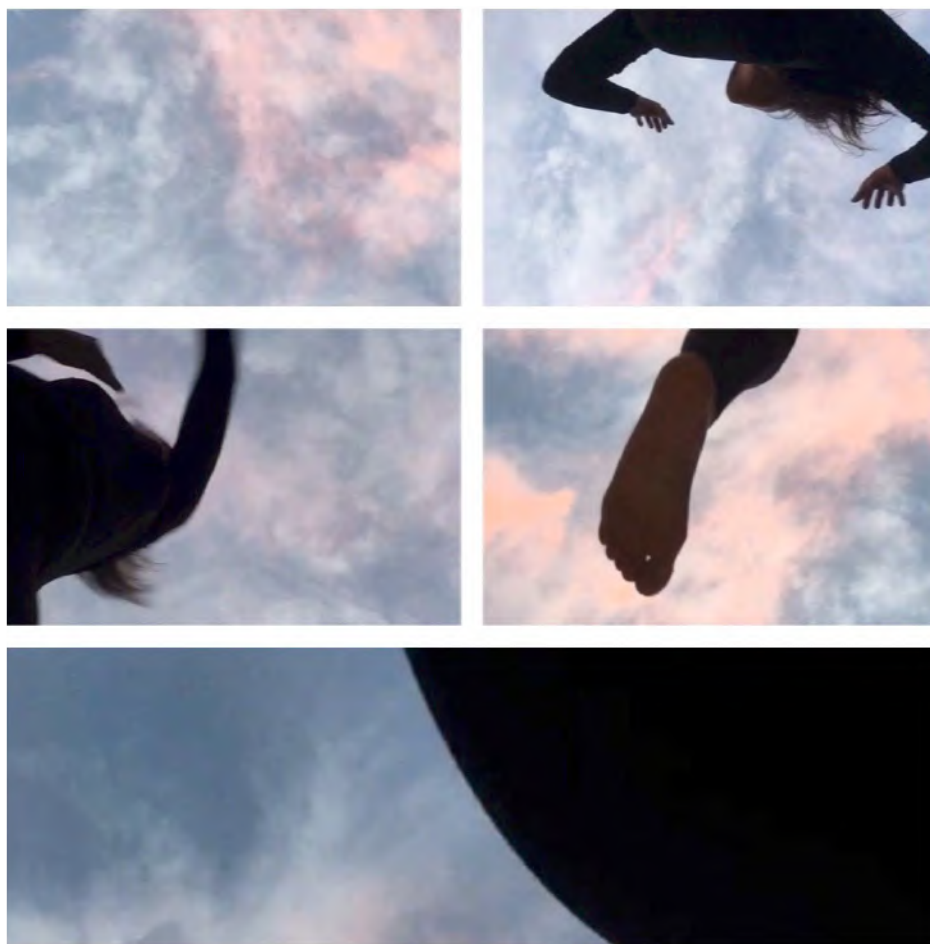
Em tempos de distanciamento social, estamos habitando cada vez mais as redes sociais, que ocupam maior espaço em nossas rotinas. Esta percepção que me moveu a criar peças curtas de dança pensando a especificidade da rede social *Instagram*, de maneira a investir neste público. As micro-danças foram desenvolvidas partindo de alguns parâmetros principais: o céu é um importante elemento compositivo que faz o fundo da paisagem para o corpo e suas improvisações em relação ao celular no chão, jogando com retorno da imagem, criando junto à perspectiva que a câmera oferece. Aproveitando os aplicativos gratuitos de edição, as micro-danças foram realizadas no rolo da câmera do celular. A criação de uma dança mediada nestas plataformas segue expandindo o campo da videodança, esta forma de dança escrita na dimensão audiovisual, que passa a existir para além da sua efemeridade, permanece no tempo e na materialidade da imagem. É apontada aqui enquanto arte política, com o poder à sua maneira de se conectar e estimular o movimento no corpo do espectador, agindo no descondicionamento e expansão do filtro de nossa percepção, abrindo para novos sentires.

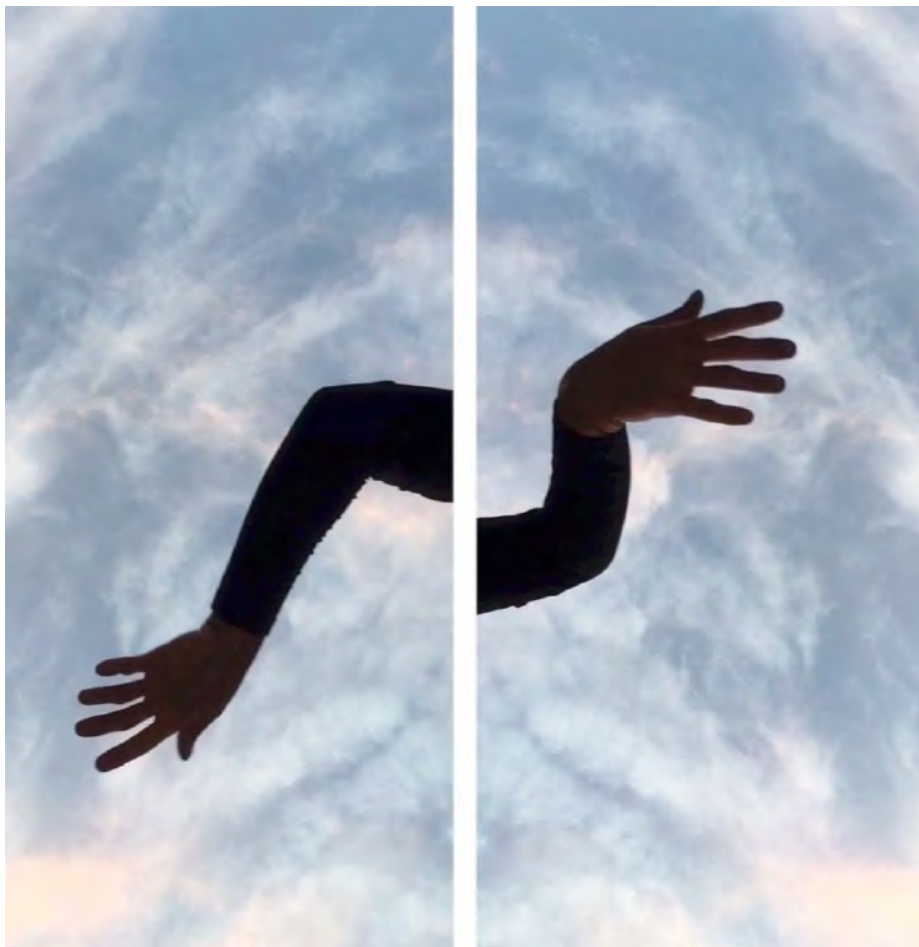
Os artistas podem explorar maneiras de usar os artefatos tecnológicos de seu tempo, entendendo que estes moldam as percepções e modos de nos relacionarmos em sociedade. Na era em que vivemos das múltiplas telas com imagens digitais, de crescimento exponencial de informações na internet e imersão total de tecnologias móveis em nosso cotidiano, a videodança é uma arte de resistência que problematiza questões da dança contemporânea. A reinventa, se adapta às mídias num devir em relação às imagens e com isto pode se infiltrar e ativar o público, contra a neurose do olhar promovida pela colonização capitalista de nossos desejos.











Referência:

Dança em Foco: ensaios contemporâneos de videodança. [organização de Paulo Caldas...et al.]; Rio de Janeiro, Ed. Aeroplano, 2012. 352 p.
Imagens: "Céu de Ícaro" [2020].

[entre]-lugares

Shayda Cazaubon Peres

Entre

Meios

Afetos

Fendas

Lugares

Margens

Rupturas

Memórias

Fronteiras

Entre

Territórios

Não-lugares

Resistências

Deslocamento

Linhas visíveis

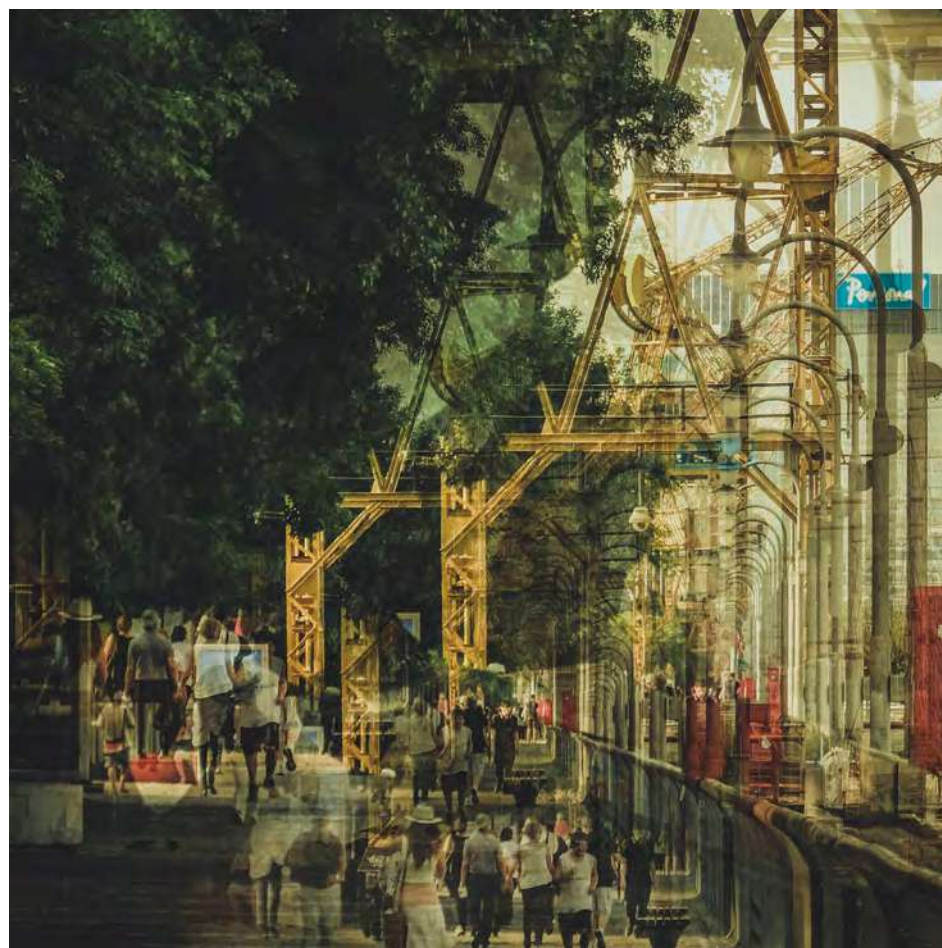
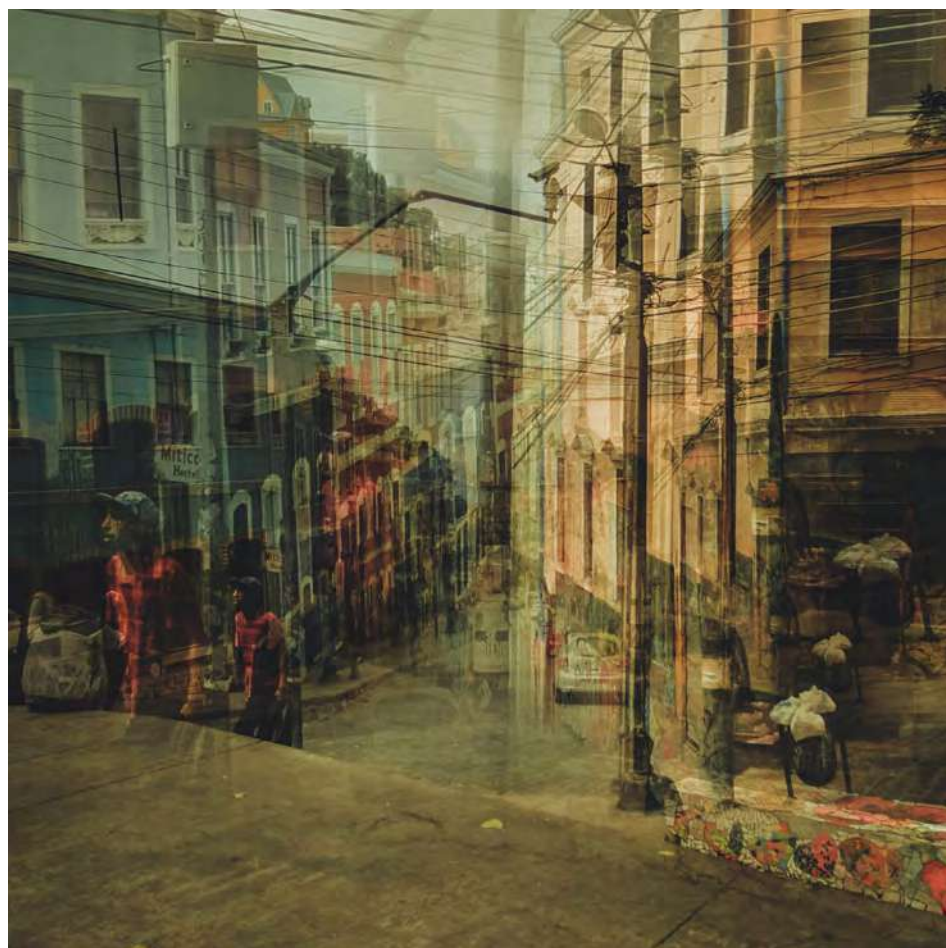
Linhas invisíveis

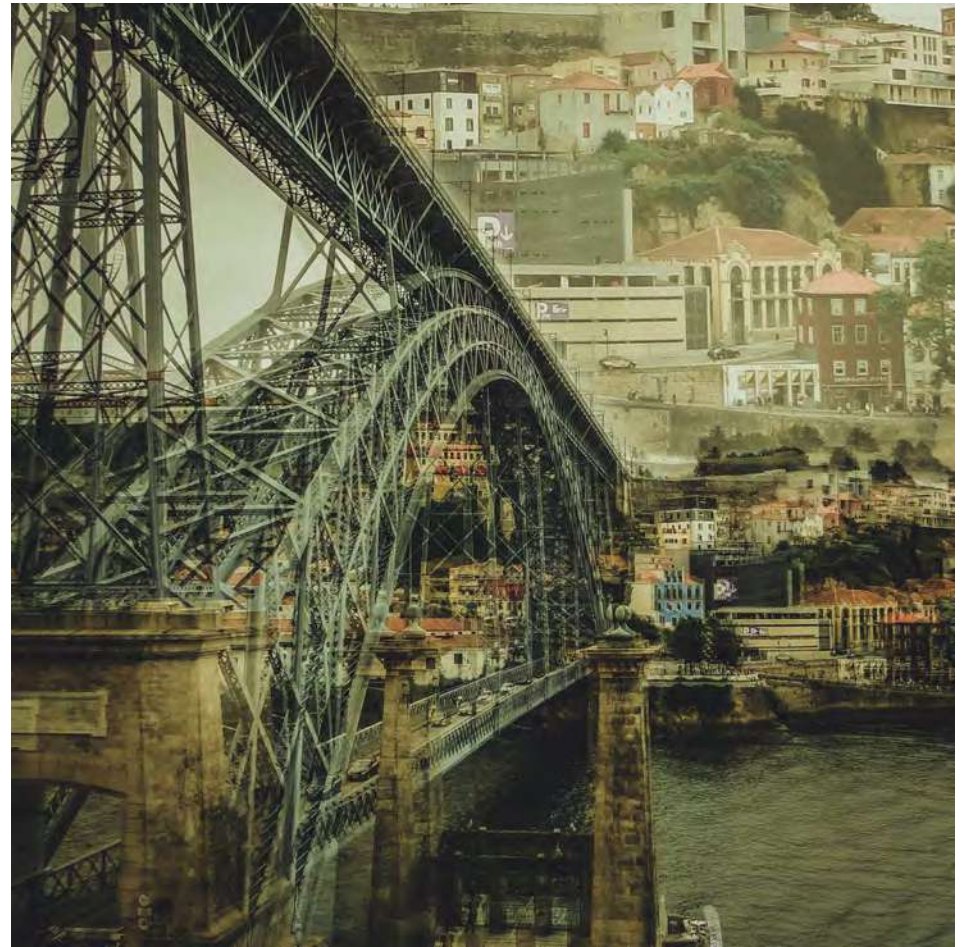
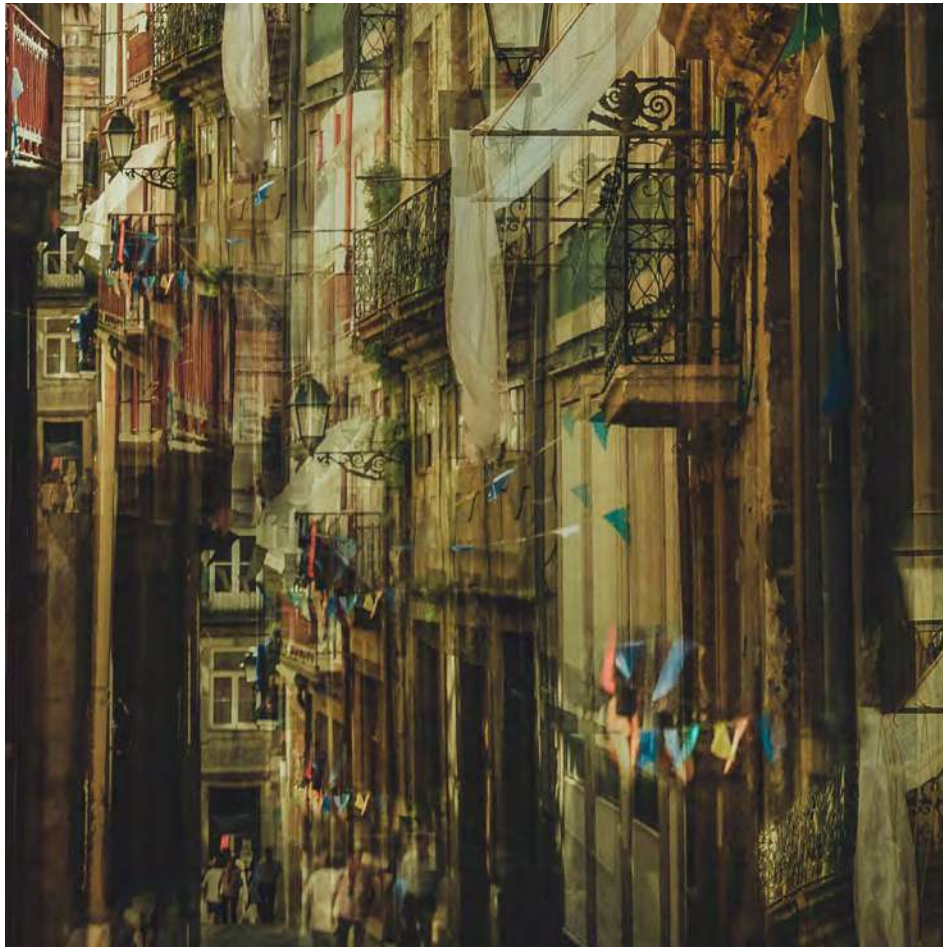
Ressignificações

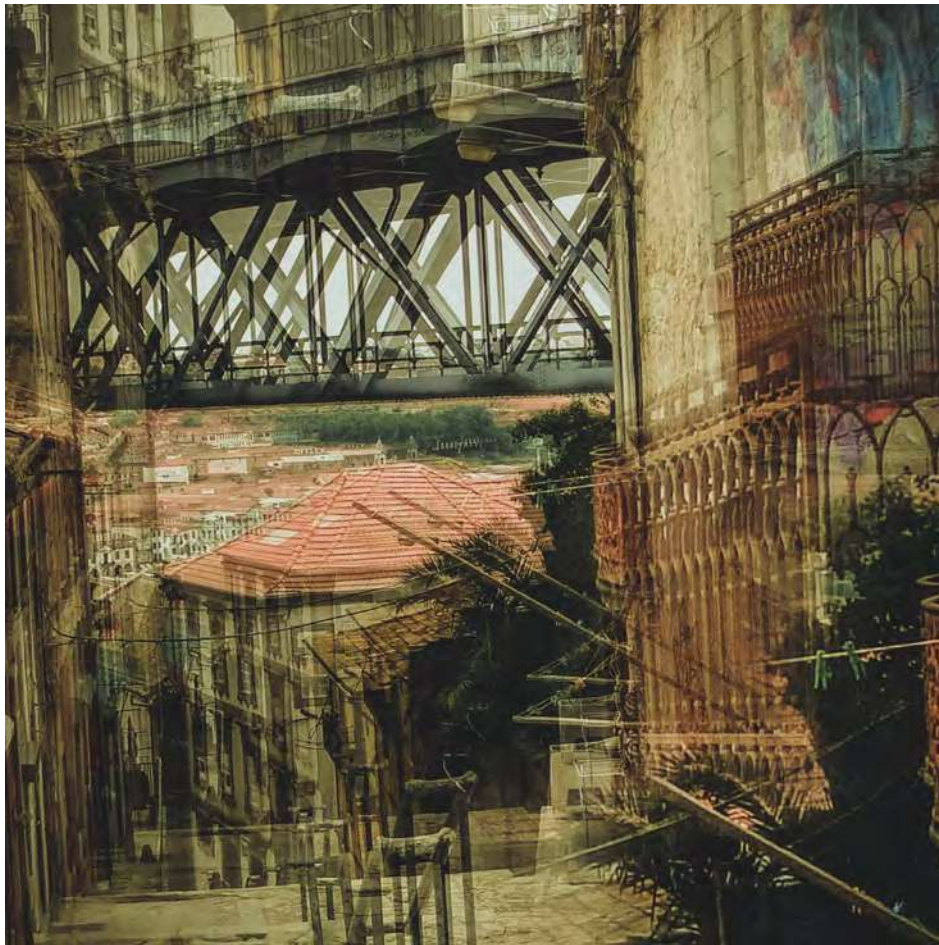
Atravessamentos

Entre.

O ensaio a seguir apresenta parte de uma série que está em processo de desenvolvimento. São fotomontagens realizadas a partir da reflexão de palavras, conceitos, memórias e afetos sobre lugares que transitei. A reflexão inicial surgiu a partir das palavras ao lado, mas principalmente da ideia de “territórios” e “fronteiras” existentes na contemporaneidade, sejam físicas ou subjetivas, e posteriormente do conceito de lugar e não-lugar de Marc Augé. A partir disso me questionei sobre a existência de um outro lugar, localizado entre esses dois lugares, onde habita os afetos que nos atravessam durante as experiências de se deslocar nos lugares. Tive a experiência, por exemplo, de transitar por alguns não-lugares, os quais acabei criando um vínculo afetivo muito grande. Nesse sentido, estou desenvolvendo fotomontagens buscando [re]apresentar e criar esse novo lugar, a partir de atravessamentos subjetivos.





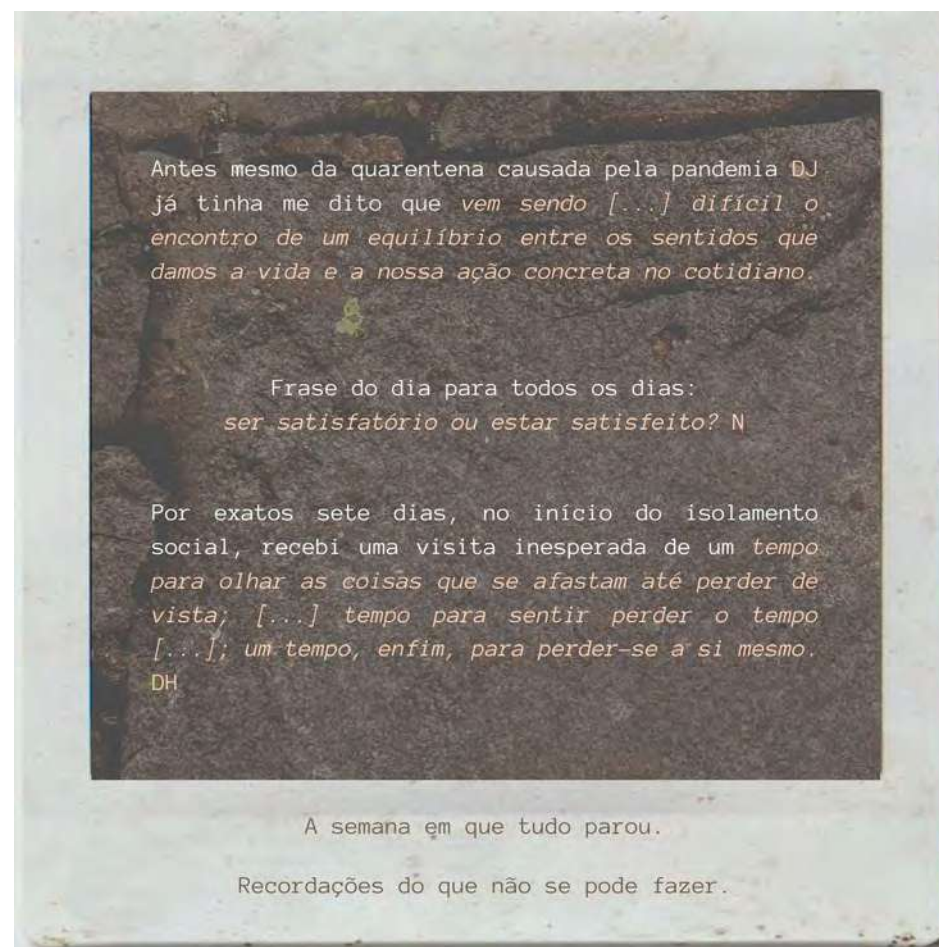


Referência:

AUGÉ, Marc. Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papirus, 1994.

[DES]ENCONTROS ATEMPORAIS

Taliane Tomita



Sento no quintal para procurar minhas paixões



Faço um desenho e DH* me fala da imagem como um limiar, unindo no exercício do olhar um luto e um desejo. Pensar a educação também envolve, para mim, a presença destes sentimentos.

Em uma outra conversa balancei a cabeça concordando com 'S'.



...quando me falou que toda imagem nos oferece algo para pensar: ora um pedaço de real para roer, ora uma faísca de imaginário para sonhar lembrei das relações que já criei com esta flor sobre a docência e a mutabilidade inerente às metodologias de ensino.

Nas paixões, nos amores, buscamos dar sentido



a natureza
o desenho
a docência
a arte (na) vida

a família
os amigos
a educação
a liberdade

Com o redespertar de Chronos... caos mental



O diário da rosa louca é logo interrompido.

O ritmo que parecia lento
ressurge
descontrolado

DH** vem me falar de Freud...
...desorientação, experiência na qual não sabemos mais exatamente o que está diante de nós e o que não está [...].

desordem

Contudo, como SN, encontro no desenho um elemento que anima a vida e uma maneira de pensar as coisas e o tempo.



Recebo novas visitas, e reconheço que o exercício de [...] observá-las, me coloca de frente ao [...] instante vivido e me leva pensar o desenho mais como vivência do que como representação. SN

Vejo o desenho como um grande campo de possibilidades: registro/pensamento/anotação/memória/projeto/pesquisa/gesto/relação/curiosidade/invenção...

Em uma conversa no quintal com B a gente concordou que não gostava de explicar as imagens porque



Quintal de casa - 1 Tápicura → Maçarico preto 04-06-20

explicar as falas da imaginação.

A primeira lição que o desenho me ensinou, me disse K, foi a necessidade de uma atitude contundente perante o fazer - saber correr os riscos que cada trabalho apresenta. E isso, me parece se estender também à prática docente.

E como B*, invento para me conhecer.

Daquilo que ficou surgem estes reencontros com o que me afeta. Na presença/ausência, especialmente, do quintal de casa (também entendido aqui como o espaço não formal de ensino - onde me situo como docente) vibram pensamentos e fazeres sobre arte, educação e vida.

Das coleções de palavras alheias insinuo conversas entre imagens. Pois estas, como me contou S*, por natureza, são poços de memórias e focos de emoções, de sensações. Assim, algumas permanecem. Sobrevivências resistentes que se mostram nos interstícios, nas dobras de uma rede de conexões infinitas, chamada educação. Que por sua vez, em sua dimensão estética, pretende levar o educando [e a meu ver, também o educador] a criar os sentidos e valores que fundamentem sua ação no seu ambiente cultural, de modo que haja coerência, harmonia, entre o sentir, o pensar e o fazer (DH***) num eterno aprender.

Sinto-me como B**: Tenho o privilégio de não saber quase tudo. E isso explica o resto.

Notas e Referências

- DJ (DUARTE JÚNIOR, 1981, p. 16).
 N (NUNES, 2019, p.7).
 DH (DIDI-HUBERMAN, 2010, p. 254-255).
 DH* (DIDI-HUBERMAN, 2010, p. 254).
 S (SAMAIN, 2012, p. 22).
 DH** (DIDI-HUBERMAN, 2010, p. 231).
 SN (SANTOS NETO, 2013, p. 9).
- B (BARROS, 2015, p. 16).
 K (KYRIAKAKIS, 2007, p.161).
 B* (BARROS, 2015, p. 31).
 S* (SAMAIN, 2012, p.22).
 DH *** (DUARTE JÚNIOR, 1981, p. 16).
 B** (BARROS, 2015, p. 73).

- BARROS, Manoel de. **Menino do mato**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
 DIDI-HUBERMAN, Georges. O interminável limiar do olhar. In: **O que vemos o que nos olha**. Tradução de Paulo Neves Editora. São Paulo: Editora 34. 2ª edição, 2010. (p. 231-255).
 DUARTE JÚNIOR, João Francisco. Nos domínios do sentimento: arte e experiência estética. In: **Fundamentos estéticos da educação**. São Paulo: Cortez, Autores Associados, Universidade de Uberlândia, 1981.
 KYRIAKAKIS, Geórgia. Desenho como matriz. In: **Disegno. Desenho. Designio**. Edith Derdik (org.) São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.
 NUNES, Kamilla. Frases de corte. In: **revista com[por]: n-1 caderno de pesquisa**, volume 2, Florianópolis/SC, 2019. (p. 5-18).
 SANTOS NETO, Fernando Augusto dos. **Augusto-Viajamos para viver**: fotografias e desenhos. Londrina/PR: Midiograf, 2013.

Anotações sobre imagens sob isolamento: pesquisa em roupa e tempo

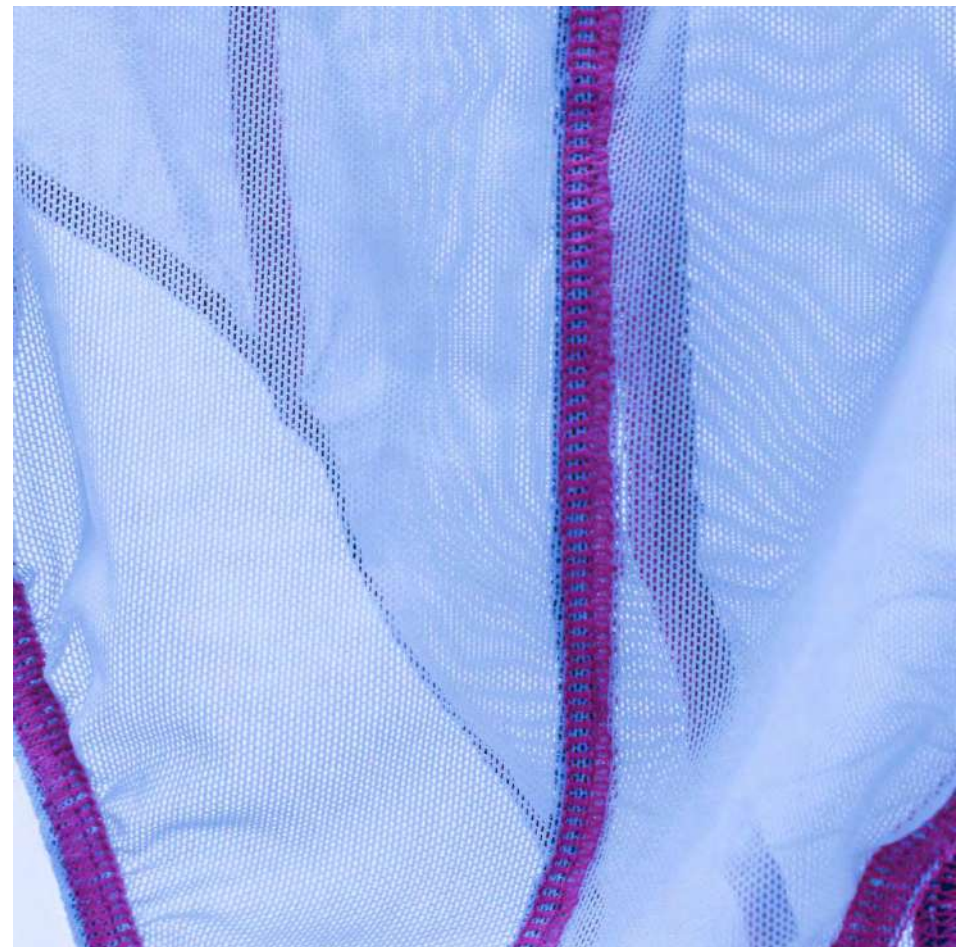
Violeta Sutili

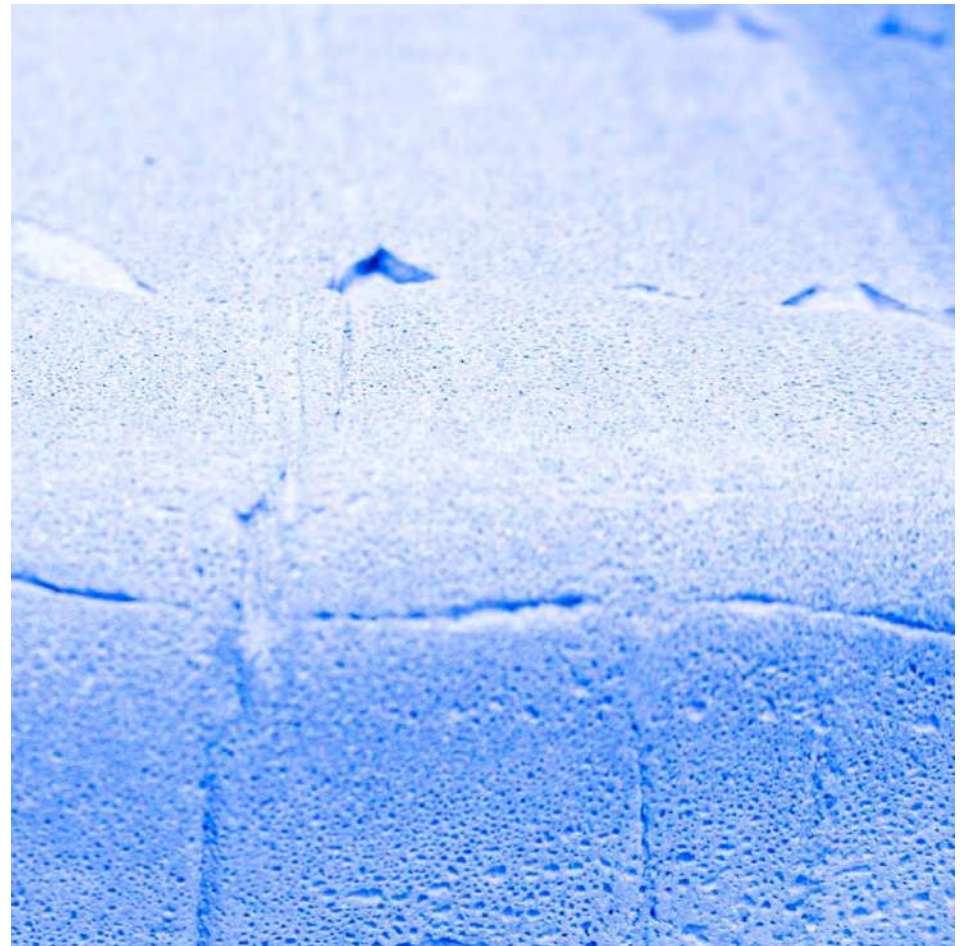
Foi no dia 17 março quando realizei a montagem da exposição 'Diálogos por interferência' na Sala Edi Balod, em Criciúma, cidade da qual sou natural. Da mesma forma, foi no dia 17 de março que, em Santa Catarina, foi decretada a quarentena por conta da pandemia ocasionada pelo novo coronavírus. Assim, meu trabalho tomou seu espaço em uma sala pública, trancada a duas voltas de chave. Bem como vivi e vivo a deflagração do tempo em isolamento físico, vive nos mesmos moldes parte de meu trabalho.

Se faz interessante pensar este tempo partindo de que o mesmo tempo cronológico de uma imagem pode ser percebido de formas diferentes. Assim, quando Bergson (2006) fala do tempo cronológico, o tempo científico, objetivo, este mesmo estaria ligado aos ponteiros do relógio, porém este tempo é ligado a noção de espaço, os ponteiros apenas indicam o espaço no presente. Deste modo, a medida do tempo físico equivale ao espaço. Qual seria este conceito de duração? Qual o conceito de duração do tempo pandêmico? Sabe-se que o tempo psicológico subjetivo e relativo cabe a se interpor nessa relação, mas seria este exclusivamente encaixado nestas categorias?

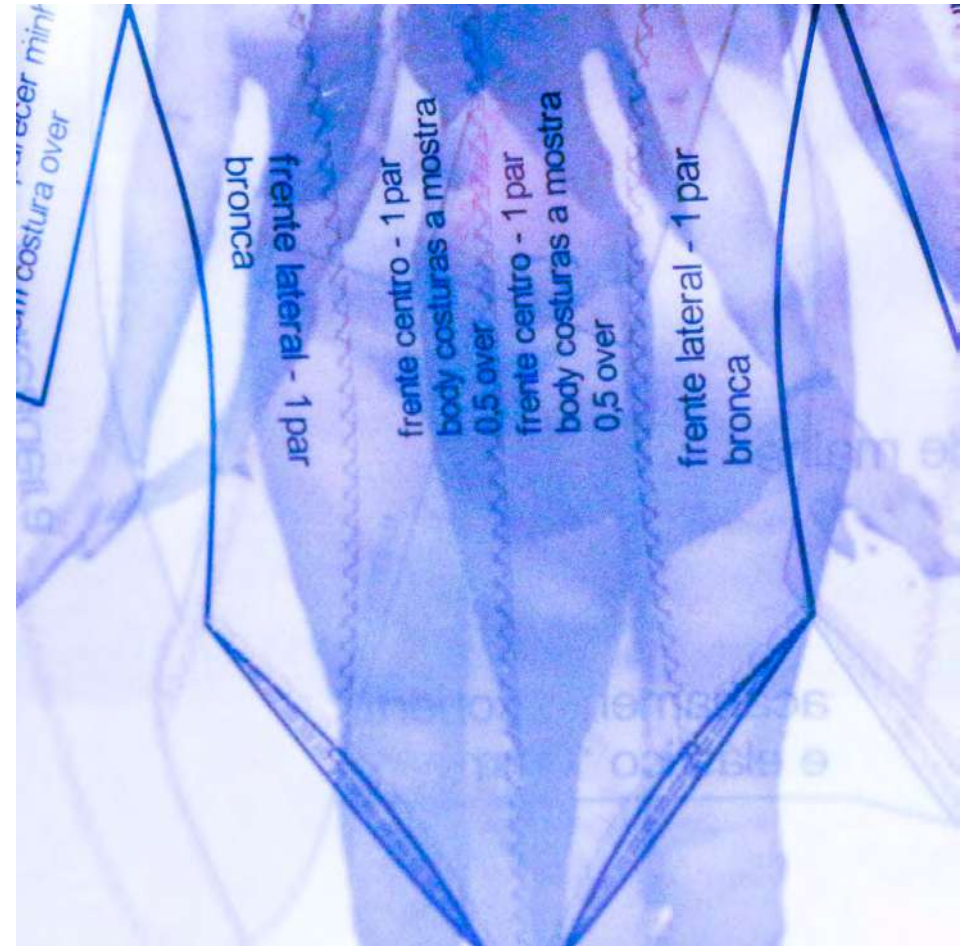
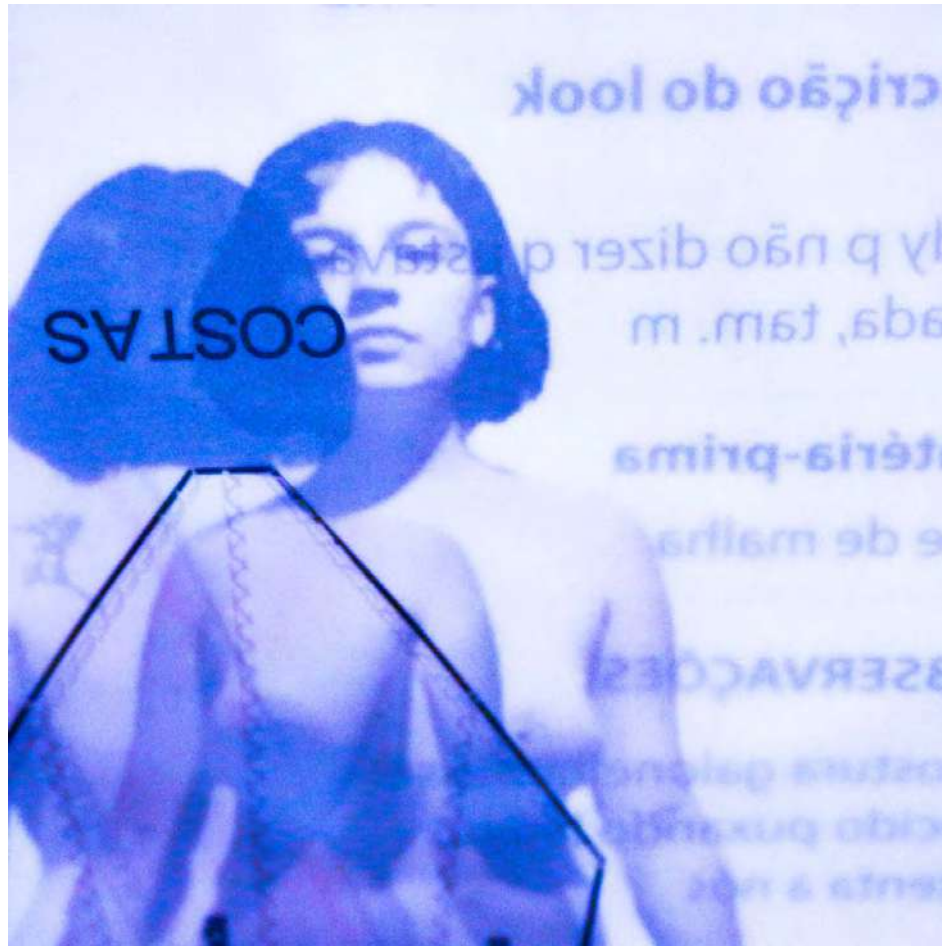
Exterior a matéria de meu trabalho em exposição, entretanto, a duração se dá de forma íntima, deste modo, não pode ser medida. O tempo de minhas imagens em quarentena se mostram como a sucessão de imagens constantes, endêmicas, nunca criando uma imagem apreensível. Assim teríamos em um conjunto de imãs se sobrepondo, nunca obtendo algum tipo de foco, pois seu movimento estático se mostra em constante fricção.

Uma vez que falo de vestes, o transpor outro tempo à própria vida, gerando novas relações com o tempo, postulo no mundo real que nunca se morre. Eu estudo a roupa. Este contraste me intriga uma vez que o período estático da exposição causado pela pandemia, se contrapõe ao principal movimento daquilo que compõe a veste: a moda. A ideia de evolução, marcar o que está no passado, marcar o andar do tempo, o bom é o que vem. Espero pela baliza.











Referência:

BERGSON, Henri. Duração e Simultaneidade. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

[comp^or]

...
revista